



VIVER EM CASAL *II*

UM PROJECTO
**DE VIDA CONJUGAL
PARA OS NOSSOS DIAS**

(Adaptado do livro do Padre Manuel Iceta)

SUPRA-REGIÃO DE PORTUGAL - 2003





ÍNDICE

Apresentação	5
Metodologia	7
1. ^a Reunião – A Fecundidade	11
2. ^a Reunião – O Matrimónio em crise	19
3. ^a Reunião – As crises conjugais	29
4. ^a Reunião – O Diálogo Conjugal	43
5. ^a Reunião – A Oração Conjugal	55
6. ^a Reunião – A Educação dos filhos: Princípios comuns	63
7. ^a Reunião – A Educação dos filhos: O despertar da fé na família	73
8. ^a Reunião – Um projecto de vida conjugal	87
9. ^a Reunião – Balanço em Casal e em Equipa	97



APRESENTAÇÃO

Este tema “**Viver em Casal**” foi extraído e adaptado do livro com igual título do Padre Manuel Iceta, Conselheiro Espiritual de várias Equipas de Nossa Senhora em Espanha que tivemos o prazer de conhecer no Encontro Internacional de Fátima, em 1994, onde proferiu uma comunicação com grande interesse.

O livro “*Vivir en Pareja*” é composto de 12 capítulos e 1 epílogo. Depois de prévia autorização, a equipa suprarregional, devido ao elevado interesse e actualidade de todos os sub-temas tratados, decidiu traduzi-lo e adaptá-lo a um tema de estudo para ser reflectido em dois anos consecutivos, de preferência para equipas que terminaram a pilotagem.

No primeiro ano serão abordados os seguintes assuntos:

- Amor conjugal: Impulsos e componentes;
- Amar o que o outro ama;
- O Matrimónio: Sacramento-Vocação-Celebração;
- Psicologia do homem e da mulher no interior do casal;
- Sexualidade em casal: Importância, funções e princípios.

Em continuação do estudo destes temas, no segundo ano serão tratados os restantes assuntos, a saber:

- Fecundidade;
- Matrimónio em crise;
- As crises conjugais;
- Oração Conjugal;
- Diálogo Conjugal;
- Educação dos filhos: Princípios comuns;
- Educação dos filhos: O Despertar da fé na família;
- Conjugalidade: Um projecto comum.

Este documento aparece pois para servir de base ao tratamento do tema de estudo, que se pretende integrado com a vida de casal e de equipa. Para tal, para além do texto de meditação e do tema de estudo, contém pistas de reflexão em casal e para debate na reunião de equipa, propostas para o dever de se sentar, e sugestões para a preparação da partilha, conforme podem ver na metodologia que se apresenta a seguir.

É, pois, uma proposta de exigência, um convite ao nosso testemunho e ao aprofundamento da nossa espiritualidade conjugal.

Esperamos que este tema vá ao encontro das necessidades e expectativas de todos os casais das ENS, em especial daqueles que estão a iniciar a sua vida em equipa, depois de terminarem a pilotagem e terem trabalhado o primeiro volume desta temática tão apaixonante e actual, como é o “*Viver em Casal*”.

A Equipa Supra-regional

METODOLOGIA

Este documento constitui um projecto de vida conjugal para os nossos dias.

Está estruturado (ver índice) de acordo com a temática apresentada pelo Padre Manuel Iceta no seu livro “*Viver em casal*” e apresenta uma proposta para nove reuniões (Outubro a Junho).

Para cada reunião, apresenta-se um texto de meditação, que serve também como pano de fundo para o dever de se sentar, um tema de estudo específico para cada mês e respectivas pistas de reflexão em casal e em equipa, além de propostas para o dever de se sentar e outros pontos concretos de esforço.

Naturalmente que, sabemos, a metodologia das ENS não se esgota na reunião mensal, pelo contrário, a reunião de equipa é o culminar de uma vivência ao longo do mês e o ponto de partida para uma nova caminhada. É precisamente a pensar nesta caminhada, **que deverá iniciar-se logo após cada reunião de equipa**, que propomos estes elementos de apoio:

Momentos da Reunião de Equipa	Apoios ao longo do mês	Apoios para a Reunião de Equipa
Acolhimento e refeição		
Oração	Textos vários	Texto de meditação (I)
Pôr-em-comum	Considerado na proposta para o Dever de se Sentar (IV)	
Partilha dos Pontos Concretos de Esforço	Propostas (V)	Questões para a Partilha (V)
Tema de estudo	Texto de apoio (II) e Pistas para reflexão em casal (III)	Pistas para debate na reunião (III)

Estes elementos de apoio são apresentados nos cinco pontos que se seguem:

I. Texto de meditação para a reunião da equipa

Em geral utilizamos o texto que vem inserto no tema correspondente à reunião. Este texto pode ser também usado para o início do Dever de se Sentar.

II. Textos de apoio para o estudo do tema

Os textos de apoio são extraídos do livro “Viver em Casal” do Padre Manuel Iceta.

III. Pistas para reflexão em casal e debate na reunião de equipa

Apresentamos um conjunto de pistas para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês e posterior debate na equipa. Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão irá apresentar na reunião da equipa.

IV. Proposta para o diálogo em casal (Dever de se Sentar)

Apresentamos algumas propostas para o arranque do Dever de se Sentar, com base no texto de meditação, que ajudarão a despoletar o diálogo.

Após o Dever de se Sentar cada um definirá a sua Regra de Vida e o propósito de melhorar um dos restantes Pontos Concretos de Esforço.

O Pôr em Comum é um ponto essencial da vida em comunidade pelo que não deve ser descurado.

V. Questões para a Partilha durante a reunião

Como sabemos, os Pontos Concretos de Esforço não são uma obrigação que devemos cumprir, mas meios para desenvolver atitudes que nos vão levando, pouco a pouco, à nossa conversão e por conseguinte a um modo de vida mais cristão.

As **atitudes** que os pontos concretos de esforço ajudam a desenvolver em nós são:

- **Abrirmo-nos à Vontade e ao Amor de Deus**

Para tal temos de saber escutar e reservar momentos para conhecer essa vontade de Deus. São exemplo desses momentos: Escuta e meditação da Palavra de Deus; Oração individual; Oração conjugal/familiar; Dever de se Sentar e Retiro espiritual.

- **Desenvolvermos a nossa capacidade para Viver a Verdade**

Ou seja, tomarmos consciência de nós mesmos com verdade. A Regra de vida ajuda-nos neste caminho desde que nós decidamos segui-lo.

- **Aumentarmos a nossa capacidade de Viver o Encontro e a Comunhão**

Isto é, modificar a nossa maneira de estar, descentrando a nossa atenção de nós próprios e indo ao encontro dos outros, do Outro. Todos os pontos concretos de esforço nos ajudam nesta aprendizagem.

É neste espírito que em cada reunião iremos tratar o tema, servindo-nos de algumas questões para orientar a **partilha do esforço** realizado para cumprimento dos pontos concretos, bem como a **partilha da mudança de atitudes** que se pretende atingir.



1^A
REUNIÃO**A FECUNDIDADE****I. TEXTO DE MEDITAÇÃO** (Jn 15, 1-8)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Eu sou a verdadeira videira e Meu Pai é o agricultor. Todo o ramo que não dá fruto em Mim, o Pai corta-O. Os ramos que dão fruto, poda-os para que dêem mais fruto ainda – vós já estais limpos por causa da Palavra que vos dirigi. Ficai unidos a Mim e Eu ficarei unidos a vós. O ramo que não fica unido à videira não pode dar fruto. Vós também não podeis dar fruto, se não ficardes unidos a Mim.

Eu sou a videira e vós os ramos. Quem fica unido a Mim, e Eu a vós, dará muito fruto, porque sem Mim nada podereis fazer. Quem não fica unido a Mim será lançado fora como um ramo e secará. Esses ramos são reunidos, lançados ao fogo e queimados.

Se ficardes reunidos a Mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e ser-vos-à concedido. A glória de meu Pai manifesta-se quando dais muitos frutos e vos tornais Meus discípulos.”

II. TEMA DE ESTUDO**A FECUNDIDADE**

Falar de fecundidade no matrimónio parece significar em exclusivo falar de filhos e do número de filhos que cada casal decida ter. A regulação dos nascimentos é tão preocupante e marcante que nos torna incapazes de compreender outros significados do termo “**fecundidade**”.

É preciso ir mais longe. De facto há casais que não têm filhos, mesmo os consagrados, e que são fecundos em muitas outras coisas. Como responder a estas perguntas directas: O que é que significa para vós a presença do vosso matrimónio neste mundo? Que contributos dá? Qual o compromisso que assumem como casal?

Não é difícil entender a fecundidade individual de uma vida. São as coisas que faz, a sua profissão, os seus trabalhos, as suas responsabilidades. De igual forma devemos entender essa dimensão mais vasta da fecundidade conjugal.

É impressionante ver quando uma pessoa idosa, ao aperceber-se da hora próxima da sua passagem ao eterno, olha as mãos, e de uma forma ou de outra se interroga: “*O que é que levo desta vida?*” Se está a interrogar-se sobre a sua fecundidade, não há dificuldade em lhe responder com o Evangelho, **que leva tudo o que deu nesta vida**. Quer seja pequeno, quer seja grande.

O que demos é o que levamos. É assim a ordem da criação. É-nos dado para que demos, e aí daquele que entesoura! Cada um, na sua medida e nas suas circunstâncias, deve transmitir os dons que recebeu, ficando enriquecido na medida em que partilhou com os outros.

A fecundidade diz respeito, portanto, àquilo que dou e ao que me dou, ao que damos e ao que nos damos.

Há uma segunda referência. **A fecundidade diz respeito à vida.** Toda a criação está ao serviço da vida, ordenada para a vida. O ser humano, o casal, recebeu também este encargo: transmitir vida. E não apenas a vida física, mas todas as outras vidas: a do coração, a do pensamento, a do espírito. “*A glória do Pai é que demos fruto e fruto em abundância.*” (Jn 15, 8)

As duas referências podem ser sintetizadas, definindo **a fecundidade como a capacidade, a responsabilidade de dar vida, de dar a vida.** Na medida em que um casal dá vida um ao outro, dão vida aos seus filhos, dão vida ao ambiente em que vivem. Nessa medida, é fecundo.

1. A fecundidade é um maravilhoso poder do homem

Como todos os seres vivos, o homem tem o poder assombroso de transmitir a vida física. Através dele insere-se activamente no movimento maravilhoso da vida, que é o milagre mais surpreendente da história terrestre. E estamos tão habituados a isso que já não nos surpreende.

Mas há mais. O homem e a mulher, **o casal humano tem o poder de fazer crescer a vida, de acompanhá-la até à plenitude.** E fá-lo ao

transmitir a vida do coração (o amor, a bondade ...), a vida da inteligência (o pensamento, os valores ...), a vida do espírito (a fé, a graça ...).

Temos o poder de nos dar vida a nós próprios. Fazer viver é o maior prazer. O contrário também é verdadeiro: podemos tirar a vida a nós próprios e perder assim a alegria de viver.

Estaremos conscientes do poder que temos de dar ou tirar a vida a nós próprios, um ao outro, aos filhos, aos demais?

2. A fecundidade é uma exigência do amor

O amor trata o “*filho*” como o ser em quem se realiza a unidade perfeita das duas carnes, dos dois seres. O “*nosso amor é alguém nele*”. O amor é difuso. Tende irresistivelmente a dar, a dar-se, a dar a vida.

O amor tem a aspiração do “*filho*” como seu fruto, prova da sua riqueza e da sua vitalidade. O “*filho*” é a obra-prima do amor. Através da educação, o amor dos pais dá a plenitude do ser homem ao filho. E tudo o que se diz do “*filho*” diz-se de tudo quanto significa “*dar vida*”, porque é muito maior o poder de dar vida ao amor, que precisa de se comunicar com outros seres. Será a irradiação social e pastoral de um casal.

3. A fecundidade é uma bênção de Deus

Quando Deus chamou Abraão, disse-lhe: “*Sai da tua terra e Eu te abençoarei. A tua descendência será tão numerosa como as estrelas do céu*”.

- *Sai da tua terra ...* continuará a ser para sempre uma forte chamada para as gerações de homens. Sai de ti mesmo, dos teus egoísmos, da tua lama, das tuas instalações, sai, sai ...

Se queres ser fecundo, sai!

Seria bom que, de vez em quando, nos interrogássemos: de onde é que temos de sair, de que atitudes, de que egoísmos, de que instalações?

- ... *e Eu te abençoarei*. A bênção de Deus é a fecundidade de uma vida.

Quando uma vida é fecunda tem sentido, tem gozo e alegria. Que nos baste olhar para tantos casais, com filhos ou sem filhos, para tantos homens e mulheres consagrados, e ver a enorme fecundidade das suas vidas. Para além de que façam muitas ou poucas coisas, de que estejam sãos ou doentes. **Há vidas fecundas. Saíram da sua terra e foram abençoados.**

4. A fecundidade é uma colaboração com Deus

Com o Deus Criador, que ao fazer o homem à sua imagem o fez também criador. Deus é-o “*a partir do nada*”; o homem é-o “*a partir das sementes*” que Deus pôs nas suas mãos. Todo o trabalho humano, toda a fecundidade, é colaboração com a criação de Deus, até atingir a sua plenitude.

A plenitude da semente é a oferta do homem. “*Deste-mo Senhor como uma semente, trabalhei-o, cuidei-o, dei-lhe um nome ... hoje ofereço-to na sua plenitude*”. O esposo, a esposa, o filho, o outro, as responsabilidades ... “*deste-mas, trabalhei-as, ofereço-tas*”.

Com o Deus Redentor, que deu ao homem o poder de comunicar a graça, a própria vida de Deus, para refazer e recriar aquilo que o pecado destruiu; poder de dar a graça e de a fazer crescer; poder de sofrer com Ele para redimir e restituir, na sua beleza, a criação.

A fecundidade não é apenas colaboração com Deus, é acima de tudo imagem de Deus. Porque cada vez que o homem põe a sua marca no mundo que domina, parece-se com o Deus Criador; mas quando põe no mundo a vida, parece-se com Deus Pai.

5. A fecundidade é um mistério

E como tal, impossível de abarcar. Porque um filho representa muito mais do que um filho. Passadas gerações, quantos descendentes haverá? Pensemos o mesmo de qualquer outra fecundidade: até onde vai chegar a sua repercussão?

A fecundidade reproduz, à escala humana, o mistério de Deus, que é a própria fecundidade, uma fecundidade de amor. A Sua fecundidade interior (vida da Trindade de Deus) e a Sua fecundidade exterior (criação) é o modelo, a fonte e o fim da fecundidade humana.

6. Uma proposta concreta: um trabalho comum

Marido e mulher, quer tenham ou não a mesma profissão, passam muitas horas do dia, a maioria das horas, cada um no seu mundo de trabalho, com preocupações, tensões e realizações próprias. Que, sem dúvida, comentam e partilham. E cada um deve interessar-se pelos problemas do outro. Chegam a conhecer os respectivos companheiros de trabalho e todo o mundo que os rodeia com as suas luzes e sombras.

Ao encontrarem-se no fim da tarde em casa, com certeza que dedicam um bom pedaço de tempo um ao outro, mas, quase sem querer, mergulham

cada um nos seus problemas. Devem ajudar-se mutuamente e partilhar esses momentos e essas necessidades.

É importante propormos algo mais. É maravilhoso que cada casal tenha um trabalho que seja dos dois, qualquer coisa que possa ser, de uma forma ou de outra, a projecção do casal, que signifique esse dom que o casal faz da sua comunhão. Educar os filhos é isso, mas muitas vezes não é entendido assim. E não basta. Acolher quem chega à vossa casa, também é: o acolhimento é feito pelos dois. Mas não basta ...

É preciso encontrar a forma: na arte, na ciência, na política, na pastoral, na associação de vizinhos, na escola infantil, na paróquia, num centro cultural para os jovens, para os marginais, no município, na investigação, na música ou na literatura ... onde quer que seja. É necessário que seja qualquer coisa que façam os dois, onde se possam encontrar os dois. Ainda que seja fazer uma colecção os dois juntos. Mas que seja uma criação e uma projecção dos dois.

É maravilhoso tudo aquilo que contribui para a união dos dois, para a realização da conjugalidade, fazer um esforço deste tipo. E temos de conseguir que as Associações de Pais sejam assembleias de casais, e não de senhores e de senhoras separadamente.

Devemos chamar a vossa atenção de preferência para os jovens. Temo-los deixado à solta. Convivem mais com os pais dos amigos do que com os seus próprios pais. Reúnam em vossas casas grupos de jovens. Convidem esses jovens, ainda que seja só para ouvir música ou para tomar uma coca-cola. E falem com eles. Rezem com eles. Discutam juntos assuntos de interesse. O que quer que seja. Trabalhem naquilo que possa significar uma preparação para o matrimónio, no “*tu a ti*”, nas conversas de grupo. Abram as vossas casas aos jovens.

Não há nada que determine o trabalho de um casal. **O importante é estar disponível.**

Hoje em dia todos consideramos ter o direito de criticar, e é cómodo situarmo-nos, por sistema, na oposição. É preciso dar a cara. É muito cómodo as pessoas fecharem-se em casa e daí observarem e criticarem.

E se vos chamam da escola, da paróquia, da associação de vizinhos, da cultura, do que quer que seja, **digam que sim, mas os dois.**

Trabalhem juntos em qualquer coisa e cresçam em conjunto.

Há quem nunca tenha tempo. São sempre os que mais trabalham os únicos que estão disponíveis. Tracem uma escala de valores. Retirem horas à televisão, às reuniões vazias, ao não saber que fazer. E verão como têm tempo. É preciso querer. Tentem fazê-lo com entusiasmo e verão os resultados ...

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Nesta primeira reunião, deve-se começar por ler a metodologia proposta (pág. 7) para a abordagem dos temas de cada reunião e também as sugestões para os Pontos Concretos de Esforço.

Apresentamos, seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês e para debate em equipa, às quais devem responder por escrito:

1. O que é que vos chamou mais a atenção neste tema? Concretizem dois ou três aspectos.
2. A fecundidade de um casal diz respeito ao amor e à vida: elaborem entre todos uma lista – indicando mesmo as mais pequenas coisas – em que um casal possa ser fecundo, ter uma missão a cumprir. Quais seriam as prioridades: outros casais, os jovens, os mais pobres ...?
3. *Sai da tua terra ...* com referência aos casais, quais seriam essas “*terras*”, esses egoísmos e instalações, de onde teriam de sair como casal? Aqui, e de um modo geral, destaquem no mundo de hoje, com os seus condicionamentos, algumas dessas instalações.
4. Partilhem em casal e em equipa a proposta apresentada pelo tema de um trabalho em comum. Exponham ideias, iniciativas, experiências que conheçam de outros casais.

No final da reunião e depois de escutar todos, façam uma análise sobre:

- Este tema foi claro para vós?
- Que aspectos surgiram mais vezes na reunião?
- Notaram se na equipa se considera importante esta visão de fecundidade para ser casal?

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Começemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguida de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam já preparados), criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Assim, podemos iniciar o diálogo, partilhando as seguintes pistas:

- O que é que significa a presença do vosso matrimónio neste mundo? Quais as consequências? Em que estão comprometidos como casal? Para que é que vos procuram?

- Procurem concretizar as coisas – ainda que pequenas – que realizaram como casal: acolher, partilhar, visitar, desempenhar uma responsabilidade, ajudar outro casal, apoiar algum jovem ...

- *Sai da tua terra ...* De onde é que teremos de sair, de que egoísmos e instalações, para sermos abençoados pela nossa fecundidade? Procurem concretizar pelo menos dois aspectos.

- Talvez nunca tivesse sido colocada esta questão do “*ser fecundo*”, para além do ter filhos. Porque não fazem uma proposta concreta para realizar juntos qualquer coisa, ainda que muito pequena, que os fará crescer juntos?

2^A
REUNIÃO**O MATRIMÓNIO EM CRISE****I. TEXTO DE MEDITAÇÃO** (2 Cor 4, 1-4)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“É este o nosso Ministério que nos foi concedido pela misericórdia de Deus; por isso, não perdemos a coragem. Dissemos «não» aos procedimentos secretos e vergonhosos, não agimos com astúcia, nem falsificámos a Palavra de Deus. Ao contrário, manifestando a verdade, recomendamos-nos diante de Deus à consciência de cada homem. Portanto, se o nosso Evangelho continua obscuro, está obscuro para aqueles que se perdem, para os incrédulos, cuja inteligência o Deus deste mundo obscureceu a fim de que não vejam brilhar a luz do Evangelho da Glória de Cristo, de Cristo que é a imagem de Deus.”

II. TEMA DE ESTUDO**MATRIMÓNIO EM CRISE**

Ninguém duvida de que o matrimónio como instituição passou por uma crise profunda nos nossos tempos. Essa crise tem sido tão forte que é possível escutar afirmações do teor: *“O matrimónio é uma instituição caduca. Não está de acordo com uma mentalidade moderna e progressista. É o fim do matrimónio...”*

Crise não é sinónimo de fim. Pelo contrário. Tudo o que está vivo está sujeito a crises. **A crise é sinal de vida.** Significa precisamente que, ao longo do seu processo, uma etapa está vencida, que não faz sentido continuar a viver dessa forma, que é preciso renunciar a situações anteriores e assumir novas formas de vida.

O homem tem tendência para se instalar, mas a crise faz com que continue a caminhar até ao fim. Desde o nascimento (primeira crise) até à refor-

ma, e depois, mais à frente, até à morte, o homem vai escutando chamadas permanentes para sair de si mesmo, para se desinstalar. E não é fácil. Porém, **devemos aprender a viver com as crises e a ver nelas um sinal de esperança.**

O homem tem tendência para se instalar, pretende fazer da sua instalação uma situação duradoura e, o que é pior, procura impor aos outros a sua própria instalação.

“Por vezes identificamos, pela fé revelada, uma determinada imagem do homem e do mundo, produto de uma etapa concreta da história humana; depois, em nome dessa imagem, declaramo-nos em guerra contra qualquer nova imagem do homem e do mundo que surja no horizonte.”

Schillebeeckx

Podemos afirmar que a crise recente vivida pelo matrimónio não significa o fim desta instituição mas, antes pelo contrário, está a permitir que, no horizonte da História, surjam novas formas de viver o amor conjugal, carregadas de beleza, esperança e exigência. Essas novas formas estão a permitir-nos compreender dimensões até agora ocultas da plenitude humana, do amor, incluindo grandes conceitos religiosos, tais como o casal ser a imagem de Deus, o sentido do sacramento, o lar como primeira Igreja ... com uma luz distinta.

Para entrever estes horizontes podemos recorrer a alguns aspectos da vida conjugal, tentando analisar o local da nossa partida e o local para onde parece que nos dirigimos. Correndo o risco, consciente, de caricaturar o passado e idealizar o futuro.

Pela fé, cremos que todas as novas formas que sejam verdadeiras são melhores, na medida em que recolhem do passado aquilo que é perdurável e injectam-lhe uma nova seiva. O espírito de Deus está em todas as transformações que sejam para melhor.

1. Na etimologia

Dá-se uma passagem de “*matrimónio*” a “*casal*”. Matrimónio, do latim “*matrem-munere*”, significa prover a mãe. É o compromisso que assume o homem, desde o momento da boda, de prover, fornecer à mãe tudo o que possa precisar para sustentar o lar em termos de habitação, vestuário, ali-

mentação, saúde ... De notar que diz “*mãe*”; nem sequer fala em esposa; e muito menos em mulher. O rito da doação na cerimónia matrimonial, para além de outros significados mais espirituais, exprimia-o claramente.

Costumava dizer-se que “*a que se casava era a mulher*”. O homem comprometia-se a abastecê-la: “*Não sei de que se queixa, não lhe falta nada.*” O valor da provisão era igualmente determinado pelo homem, que retirava do seu salário, quinzenal ou mensal, a quantia em dinheiro que no seu entender era suficiente. Ser boa administradora era uma das qualidades mais notáveis na valorização de uma mãe, ainda que ela tivesse de “*fazer milagres*”, para que chegasse até ao fim do mês a quantia em dinheiro que o homem tinha considerado suficiente e lhe tinha dado. Sem dúvida, e muito frequentemente, era superior a quantia em dinheiro que o homem reservava para os “*seus gastos pessoais*”. E isto continua hoje a ser verdade em determinados ambientes.

A palavra “*casal*”, que escandaliza muitos devido a outras conotações, transmite a ideia de paridade, de igualdade. **Homem e mulher casam em pé de igualdade.** Os movimentos feministas, precisamente desacreditados em algumas das suas vertentes, contribuíram bastante para restituir, tanto ao homem como à mulher, a sua verdade, importante para a relação dos esposos.

Não devemos preocuparmo-nos com os termos, mas sim com os seus conteúdos. Continua-se a utilizar a palavra matrimónio, não no seu sentido etimológico, mas de acordo com o seu novo conteúdo. Neste exame etimológico está, em síntese, toda a crise vivida pelo matrimónio como instituição.

2. No projecto

Tanto o matrimónio como o lar deixaram de ser um projecto do homem para ser um projecto do casal. Este tema pode parecer menos concreto, mas de facto não o é. O projecto faz referência ao que se espera de uma coisa, aquilo que queremos que chegue a ser, o sentido que se lhe quer dar. Do projecto dependem as posições que se tomam ou se fazem tomar, as formas de vida.

No projecto entram em jogo grandes valores, como o respeito pela pessoa do outro, o respeito pela sua história pessoal e pelos seus processos, a aceitação do outro tal como é, a justiça, a paz ... etc. Pelo contrário, também o projecto pode assentar nos piores vícios: o desejo de posse, a força do poder, a necessidade de submeter e fazer depender o outro, as manias mais pequenas e as insatisfações mais humilhantes ...

O casal não é “*um e a sua sombra*”. São duas mãos que se entrelaçam. Não é “*o meu projecto, aquilo que eu queria que fosse*”, nem “*o teu projecto, o que tu esperavas que fosse*”.

É o nosso projecto e aquilo que nós queremos que venha a ser.

Mais ainda: com a força da fé, as duas mãos entrelaçadas abrem-se na procura do projecto de Deus, do Seu querer.

Queremos fazer nosso o projecto que Deus tem para nós próprios.

3. Na economia

Devido a ser competência exclusiva do homem, houve alturas em que se chegou ao extremo contrário. Hoje pode dar-se a coincidência de “*o chefe da família*” estar no desemprego. Pelo contrário, a mulher trabalha, e pode dar-se o caso de ser um filho a sustentar a família. Há casais que têm contabilidades separadas e cada um deles assume uma parte das responsabilidades do lar.

Quando se falou das etimologias, queríamos referir-nos ao tema da economia. O homem provia a mulher. O acesso da mulher à cultura, às responsabilidades, ao trabalho, alterou essa situação que prevaleceu durante séculos. A economia agora, quer a mulher trabalhe fora de casa ou não, quer trabalhem os dois, é assunto de ambos. Marido e mulher conhecem os rendimentos, elaboram os orçamentos, são responsáveis pela definição de prioridades nos gastos.

4. Na educação dos filhos

Esta tarefa era da responsabilidade da mãe, a “*rainha*” do lar, a que ficava em casa. Na sociedade pré-industrial, com o ambiente traçado conforme as culturas, bem definido, a tarefa educativa do homem era reservada para os grandes acontecimentos: “*Isso vai resolver-se quando o teu pai chegar a casa.*”

A educação dos filhos não era tida como um problema. Desde o nascimento que o menino ia assimilando a cultura em que vivia e, salvo raras excepções, adaptava-se a ela por carecer de informação sobre outras possibilidades, e pelo temor social de transgredir os códigos de conduta pré-estabelecidos.

O pluralismo ideológico, a torrente de informações que a criança recebe em casa, através dos meios de comunicação social, o ritmo trepidante da

vida, a enorme pressão social que o consumismo e as ideologias exercem, a instabilidade das relações conjugais em muitos casais, e muitos outros factores, transformaram a educação num problema. A criança para crescer necessita de uns tantos pontos de referência fixos, coerentes. Necessita de uma cultura, no sentido mais lato, em que se baseie e adquira segurança. Necessita de raízes que mergulhem na história de um povo, de uma família, fundamento de um crescimento sólido e estável.

Nascido para amar e ser amado, a criança exige, desde o primeiro vagido, a cor de um lar, verdadeiro útero em que se gera a personalidade humana, o calor do amor dos seus pais entre si, para ele e seus irmãos. A família nuclear, fechada nos estreitos limites de uns poucos metros quadrados, nos imensos blocos de apartamentos da nossa civilização urbana, precisa de compensações afectivas e é capaz de dar origem às maiores agressividades. Educar nos dias de hoje é um problema difícil. Nenhum pai, nenhuma escola, pode garantir o seu êxito, o êxito de uma personalidade equilibrada.

Marido e mulher assumem hoje, juntos, esta tarefa enorme e transcendente. Sendo certo que inúmeros casais viveram as suas piores crises devido a crises dos seus filhos, não é menos certo o esforço magnífico, e a dedicação sem limites, da maior parte dos pais. Os seus frutos estão aí, ainda que nem sempre os resultados correspondam ao esforço.

Vai-se fazendo luz nas trevas das opiniões e critérios mais variados e díspares, incluindo os peritos das ciências do homem. Nem a permissividade, nem o autoritarismo conduzem ao que quer que seja de bom. É na animação, no “*dar vida*”, exigente e terno, na “*autoridade amorosa*” que deixa ser, chamando sempre para mais, para onde está o caminho. É no exemplo admirável do bom Deus, o Pai, na Sua Palavra sempre actual, que vamos descobrindo os fulgores dessa luz.

5. Na sexualidade

Era, em geral, um campo reservado ao homem. A mulher “*descanso do guerreiro*” aliviava as necessidades do homem, vivia com resignação a sua sexualidade para permitir o desfogo do marido.

Sob as piores ameaças, que chegavam à morte, devia ser fiel, pois era propriedade do seu homem. Ele não.

Entretanto viveu-se uma verdadeira revolução sexual. De acordo com a lei do pêndulo, levou a excessos e erros de vulto: isolar a sexualidade do ser e da ternura, convertendo-a num novo instrumento lúdico, negar-lhe o seu valor criador e procriador, convertê-la em escrava de inconfessáveis interesses económicos destruiu muitas vidas. Mas provocou uma luz intensa e forte.

A sexualidade é importantíssima numa relação conjugal. Deve ser gratificante e criadora para ambos.

Lugar de liberdade exterior, de autodomínio, de oferta e acolhimento, o grande critério da moralidade é a sua qualidade.

Não é um caminho fácil. Antigamente não gerava problemas. Claro! Agora gera-os. **É exigente para ambos: deve ser gratificante.** Obriga a ir mais além da genitalidade e do coito, obriga ao diálogo dos corpos, à ternura dos sentimentos.

É um caminho de santidade para os esposos: até que chegues a dizer *“por ti”*.

6. No número de filhos

A civilização urbana, industrial, os sistemas económicos, o egoísmo gerado por um conceito materialista e secularizado da vida, estão na base da mudança de maneira de pensar do casal, no que diz respeito ao número de filhos.

Desde aquele *“os que Deus quiser”* até à *“paternidade responsável”* vai uma grande distância. Na sociedade agrícola, patriarcal, os filhos eram fonte de riqueza e força. Tinham espaço para viver. Eram braços para a terra e para a defesa. Preenchiam a vida, as gerações sucediam-se, sem intervalo, umas às outras.

Sem espaço, sem meios, sem tempo, os casais mais generosos estão perplexos perante o mandamento de Deus: *“Crescei e multiplicai-vos.”*

Perplexos ante as posturas da Igreja, as quais, ainda que verdadeiras, nem sempre são possíveis, e, com muita frequência, convertem-se em autênticas armadilhas, que enganam as próprias consciências dos casais. Perplexos com as dificuldades que os sistemas põem à sua própria liberdade e direito.

Com afirmações de generosidade, de mútuo acordo, seguros da Providência de Deus - temos um Pai, poderemos viver - a paternidade responsável é um tema de difícil discernimento. Esta é, sem dúvida, uma das grandes mudanças no conceito do matrimónio.

7. No lar

Entramos nas consequências que comportam as mudanças anteriormente descritas na vida de um casal. Sem receio de generalizar, podemos dizer que o homem vivia *fora*: o seu trabalho, os seus amigos, o bar, os seus diver-

timentos. A mulher vivia *dentro*: a casa, os seus afazeres, as suas saídas à porta de casa. Uma mulher “*decente*” não devia ser vista “*por aí*”.

Presentemente marido e mulher “*entram e saiem*”. Certos casais fazem-no, porque ambos trabalham. Os restantes porque as suas amizades e divertimentos são comuns, porque o homem sabe que deve estar em casa e a mulher deve participar em muitas obrigações fora dela.

Antes, a vida conjugal, com as suas coordenadas fixadas antecipadamente, era uma forma de vida paralela. As relações podiam ser cordiais. E em muitos casos eram-no, devido à qualidade pessoal de ambos os cônjuges. Noutros, eram de guerra aberta. Havia ainda outros que se ignoravam e serviam apenas de referência em caso de necessidade ou para iludir as aparências.

Hoje não é concebível uma vida conjugal assim, vivida de uma forma paralela. **O dom de Deus chama-nos a viver em casal, a arriscar tudo um pelo outro.**

Estamos, efectivamente, perante uma mudança copernicana.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Apresentamos, seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês, e posterior debate em equipa, às quais devem responder por escrito:

1. Qualquer crise é sinal de vida, de crescimento, é uma chamada de atenção a um amor melhor. Crise não equivale a fim:

- Na vossa equipa, como é que os casais apresentam as suas crises?

- Resignam-se, procuram ajuda, trabalham para sair da crise, dialogam...?

- Um dos dois resigna-se sistematicamente?

2. Fazer uma leitura da crise, que seja simultaneamente pormenorizada e simples, tem efeito negativo em vós? Analisam as vantagens de um conhecimento global das dificuldades que o casamento atravessa nos nossos dias.

3. A evolução etimológica **de matrimónio a casal**:

- É a realidade no vosso caso?

- Quais são, em geral, os aspectos que mais demoram a evidenciar-se?

Na reunião, cada casal deve expor como reagiu ao estudo do tema e ao diálogo entretanto feito:

Dificuldades, afrontamentos, concordâncias, sentimentos ...

No final, depois de ouvidos todos os casais, que conclusões tiram?

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Comecemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguido de oração partilhada e exposição de intenções (estes pontos da reunião ficam já preparados), criando um clima de interiorização e de acolhimento ao outro, que vai facilitar uma verdadeira atitude de diálogo.

Em seguida leiam as questões, façam um curto silêncio e só depois iniciem o diálogo:

- Têm consciência das vezes que se deitam aborrecidos, sem se despedirem, longe um do outro. Quais são as causas mais frequentes?

- Na leitura deste tema, em que situações se viram de qualquer forma “retratados”?

- Como se encontra o vosso projecto de vida em casal? Principais dificuldades da vida em casal? Que pensam fazer para o revitalizar?

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- As sugestões apresentadas para o diálogo em casal ajudaram a escolher a vossa regra de vida?

- Que avanços conseguiram nos restantes pontos concretos de esforço?

- Em que circunstâncias, ao longo do mês, conseguiram uma verdadeira **Escuta da Palavra de Deus**? E nas outras atitudes de vida houve propostas de mudança? Em que sentido?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

3^A REUNIÃO

AS CRISES CONJUGAIS

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Is 55, 1-3)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Atenção! Todos vós que tendes sede, vinde buscar água. Vinde também vós que não tendes dinheiro: comprai e comei sem dinheiro e bebei vinho e leite sem pagar. Porque razão gastais o vosso dinheiro com coisas que não alimentam e o salário com aquilo que não traz fartura? Ouvi-me com atenção e comereis coisas boas e saboreareis pratos suculentos. Dai-me ouvidos a Mim, escutai-Me e vivereis. Farei convosco uma aliança definitiva”.

II. TEMA DE ESTUDO

AS CRISES CONJUGAIS

As crises são habituais na caminhada de um casal. Porque tudo o que está vivo está em crise, saindo, avançando de umas situações para outras, sempre para melhor. Passamos todos por elas, de uma forma ou de outra, se bem que com intensidades e conotações diferentes.

No contexto destas “grandes” crises, e tendo-as como pano de fundo, acontecem as pequenas crises quotidianas. Compreender as grandes crises ajuda a resolver as pequenas. De qualquer forma a crise obriga sempre a uma chamada à generosidade, à desinstalação, à criatividade e ao dinamismo, a dar um passo em frente para que haja aproximação.

1. A da realidade

É a crise do primeiro ou dos primeiros anos. Vai daquilo que é sonhado à realidade. O noivado é um tempo maravilhoso, emocionante. O casamento

volatiliza os sonhos, e por isso alguns dizem que é o final do amor, a sua morte, como se o amor fosse apenas sonho. O sonho dá lugar à realidade, que é ainda mais fascinante, quando não se tem medo de a enfrentar.

É certo que há noivados que são uma verdadeira maçada, um puro contrato de fachada. Também o é em alguns casos em que o noivado vai criando uma série de "cercos", de dependências, de chantagens afetivas, de compromissos, que acabam por anular a liberdade. Não é menos certo que a pressa em deixar a casa dos pais não é boa conselheira. Constatemos e assumamos que o noivado deve ser um verdadeiro processo de conhecimento mútuo e de passagem do estado de solteiro para o de casado.

Apesar de tudo pode e deve surgir a crise. Se não surgisse era sinal de submissão de uma das partes, ou então de ter sido ocultada por qualquer circunstância. Podemos concretizá-la nas seguintes necessidades:

*** *De se moldarem um ao outro***

Cada um é filho de seu pai e de sua mãe, procede de uma família com uma "cultura" própria. São os hábitos, os costumes, as necessidades criadas, o modo de viver, e até as manias. E também a falta de maturidade, os egoísmos, os caprichos, as fixações mentais, os medos e as perversões. Não é fácil unirem-se intimamente. É uma tarefa enorme, fascinante, quando se compreende que **é preciso trabalhar a vida, que é preciso cuidar do amor**, quando há generosidade e vontade criativa, quando o amor é mais do que um sonho e é capaz de se oferecer.

*** *Do encontro sexual***

Desde os primeiros passos, os avanços, os encontros furtivos, a sexualidade sonhada, romântica, de cinema, desde as expectativas imaginadas até à cama de todos os dias, fácil, sem emoção, pois já não é proibida.

A sexualidade conjugal não é um sinal de partida. Pode levar meses para que aconteça um encontro em plenitude. É um erro julgar que tudo deve ser perfeito desde a primeira vez, que é necessário ter relações antes para ver se está tudo bem. É um caminho que se percorre, passo a passo, descobrindo o corpo do outro, criando um ritual de encontro, uma linguagem, um verdadeiro diálogo entre os corpos, capaz de exprimir os grandes valores da oferta e do acolhimento, de aceitação da realidade do outro, da sua verdade, capaz de dar vida, de recreá-la, de enamorá-la.

É um caminho que vai pressupondo sintonia nas vidas, o encontro amoroso dos sentimentos, a liberdade e o domínio de cada um, tão difíceis no princípio. Nada fica de fora. Todo o ser é implicado. Até que surge a ternura, a verdadeira compaixão, a simpatia, que nos leva a partilhar tudo e a expressá-lo com amor.

***Do domínio**

Porque o desejo de possuir, de dominar, de poder, está gravado no nosso ser, porque é difícil deixar de ser. E, pelo contrário, revoltamo-nos à menor dúvida de estarmos a ser dominados. É uma luta subtil, silenciosa, mas real e absurda.

Ninguém pode dominar o outro, fazê-lo depender, submetê-lo; e de certa forma ambos necessitam de sentir a força e o poder do outro. Em certos momentos, deve sentir-se a necessidade de depender, de receber segurança. Não é fácil unir tudo.

A crise da “*realidade*” encobre-se às vezes, mascara-se com o nascimento do primeiro filho. Os deveres relativos dos esposos cedem ante a paternidade. A crise fica encoberta, tapada, sem ser vencida. E assim ficam. E não restam dúvidas que muitos casais nunca a venceram. Condenaram-se a repetir as suas vidas indefinidamente. As suas queixas, as suas insatisfações, as suas discussões são sempre as mesmas. Como crianças. É uma fixação.

É preciso ter horas de diálogo na verdade, voltar continuamente às raízes do amor. Fazem falta fortes doses de generosidade para **cada um saber renunciar a si mesmo e saber assumir o outro**. Este é o primeiro passo sério para chegar ao *por ti*.

2. A da rotina

A capacidade de ultrapassar uma crise facilita a superação das crises seguintes. Quando se verifica o contrário, as crises vão-se sobrepondo, aumentando. O casal começa a distanciar-se.

A crise da rotina dá-se por volta dos sete anos após o casamento. Da novidade que resulta da convivência, do nascimento dos filhos, de todas as peculiaridades do novo *status*, passa-se ao usual, ao habitual, ao sem surpresas, que pode originar aborrecimento e rotina.

Por outro lado foram já tocados os limites da fragilidade de cada um dos elementos do casal.

Cansamo-nos. Estamos cansados de dizer um ao outro que nos queremos, e não somos capazes de inventar novas fórmulas. Cansamo-nos de fazer e de dizer as mesmas coisas: “*se eu sei?*”... Cansamo-nos de nos vermos sempre nas mesmas coisas, nas mesmas insatisfações.

Esfriamos sexualmente. Talvez já tenhamos tido os filhos responsabilmente desejados e causa-nos medo uma nova gravidez. E começamos a lembrar aspectos da vida de solteiro, vamo-los recuperando, despertando nostalgias.

É difícil reconhecer que não existe rotina, nem no amor, nem na vida, nem na profissão. Em cada dia que passa tudo é novo e fora do vulgar. A rotina sou eu próprio. Porque pus o sinal de *stop* no meu dinamismo, cansei-me de lutar, de me aperfeiçoar, de me formar, de investigar. Estou a envolver tudo em rotina. Nem o crescimento dos meus filhos é capaz de me despertar.

É altura de repetir a lua de mel, nem que seja na aldeia ao lado. É necessário voltar às raízes, ao princípio. **É necessário um novo compromisso dos dois para recuperar a admiração, para se assumirem um ao outro.**

É muito bom pertencer-se a uma comunidade de casais para se ajudarem mutuamente, para abrir o leque da vida, das mil facetas que não chegámos a descobrir no nosso amor.

Esta crise é de pouca importância se tivermos o hábito de arranjar umas horas para o diálogo em verdade, se não deixarmos nada “*enterrado*”, algo que não queiramos expor nem resolver. Terá ainda menor importância se tivermos crescido em criatividade e tivermos dado asas à imaginação para que o amor se renove em cada dia que passa.

Até pode dar-se o caso desta crise nem sequer acontecer. Nós não somos rotina!

3. A dos quarenta!

Quase se confunde com a anterior, mas tem conotações próprias, se bem que por vezes se sobreponham e coincidam. É muito vulgar colocar-se esta questão: *O que é que se passa com os casais aos quarenta?*

Nesta crise podemos distinguir três níveis:

* *Crise pessoal*

Fazer quarenta anos não é assim tão fácil. É um marco temido. É-se quarentão/ona. Sabemos que passámos o equador da nossa vida. Ah sim!

“Mas não me resigno, sinto-me jovem. Sinto-me revigorado. Não sou nenhum atraso de vida!”

É então que surge uma tentação muito subtil, surda: a de voltar a começar. *“Já vivi uma vida, quero viver outra, quero voltar a viver. Quei-me estupidamente os anos da minha juventude! Na inconsciência. Não vivi! Quero voltar a apaixonar-me, viver um novo romance, uma nova paixão, quero começar algo que, por ser novo, me realize!”*

Quantas vezes se ouvem estas e outras expressões semelhantes. O quarentão começa então essa nova fase de se vestir como os jovens, de usar as suas expressões, de falar como eles, de divertir-se. Um quarentão/ona tem os seus encantos: experiência, posição, bom aspecto. *“Ninguém diria que tenho a idade que tenho!”*

*** Crise do casal**

Consequentemente crise de infidelidade, de *“adultério”*, se bem que nunca consumado, mas existindo em sonhos e em desejos.

O outro, mesmo no seu corpo, é uma recordação viva de muitas desilusões e problemas não resolvidos. Surge então a necessidade de uma nova companhia, que não tenha a imagem que pesa sobre toda a relação conjugal. Procura-se uma relação de amantes, sem pesos nem responsabilidades que possam dar origem a uma história de sacrifícios e enganos. É a utopia do amor, dessas nostalgias que aparecem cobertas de encantos, e que depois se revelam ser só vazio, sofrimento de muitos, desencanto. Mais uma vez se repete a mesma história.

*** Crise dos filhos**

Passada a idade feliz do amadurecimento da infância, os filhos entram nas idades difíceis, muitas vezes insuportáveis. A sua conduta torna-se insuspeita, imprevisível, frequentemente carregada de agressividade e desprezo.

Não estamos preparados. Enfrentamo-nos, desautorizamo-nos ou simplesmente não estamos de acordo. Em vez de tentarmos compreender aquilo que estão a viver, vamos criando um clima de tensão que endurece as relações com eles, e entre nós próprios.

Começamos a duvidar de ter feito bem as coisas, culpamo-nos mutuamente.

A crise dos quarenta é uma das grandes crises da vida. Da sua resolução dependem muitas coisas, sobretudo a plenitude do casal na segunda parte da

vida, que podia ser tão feliz, e o bem-estar dos filhos nessas idades difíceis da puberdade e da adolescência.

A saída desta crise exige uma decisão radical que, consciente e explicitamente, tem de ser tomada um dia, no mais fundo de nós próprios, na nossa verdade. **É a decisão de apostar tudo**, aconteça o que acontecer, **até ao fim, em fidelidade a tudo o que vivi na minha juventude**. É negar-me a olhar para trás, a brincar com nostalgias, a deixar-me invadir por insatisfações. É a decisão absoluta de adoptar a bondade como norma de vida, de me recusar totalmente a magoar, de tentar por todos os meios ser feliz.

Para poder tomar consciência, e explicitamente tomar esta decisão, recomendam-se uns bons exercícios espirituais em casal, ou uma viagem especial que torne possível um diálogo com sinceridade profunda.

É um passo a dar: nada pode iludi-lo.

4. A das “pausas”

Em estreita dependência da anterior é como um prelúdio, um prólogo de um final que, supostamente ainda distante, começa a aparecer no horizonte da vida. Começámos a secar, aparecem pequenos transtornos biológicos e psíquicos. Tornamo-nos irritáveis, mais sensíveis e difíceis.

Os filhos já partiram e nós ficámos sós. Voltámos a encontrarmo-nos frente a frente. Aquilo que ficou sem solucionar volta a reflorescer. Ou então o contrário, como acontece cada vez com mais frequência, os filhos não partem e dão-nos um lamentável espectáculo de parasitismo.

Esta crise, quando se sobrepõe às anteriores sem se resolver, é terrível. O casal começa a distanciar-se, a ignorar-se. Brota deles uma forte agressividade, vivendo em permanente discussão, chegando mesmo a odiar-se.

Esta fase pode ser, sem dúvida, o momento de um novo florescer do amor, de uma nova paixão e enamoramento. Há casais que nesta altura parecem noivos. “*Somos dois seres novos*”, dizia um casal. É o fruto do trabalho pessoal, do diálogo perseverante, **do caminhar em busca do por ti, da capacidade de ir redescobrimo, recriando o amor**.

Um elemento criador de sonhos são os netos. Eles constituem novas razões para viver. O “*ser avô*” é um sentimento muito especial.

5. A da velhice

Presentemente verifica-se uma forte crise aos setenta. Ser idoso na nossa sociedade, num mundo que envelhece e idolatra a juventude, não é fácil.

Estamos já reformados e o amanhã não oferece um horizonte de sonhos. Olhamos para trás, observamos a vida já vivida, talvez pouco preenchida, e sentimo-nos culpados, lamentamo-nos. O idoso tem cada vez mais o sentimento de ser um estorvo, de não se contar com ele para nada.

Os transtornos fisiológicos, as possíveis formas de invalidez, podem tornar muito dura uma vida que hoje se prolonga por muitos anos. A falta de amor dos filhos, que é tão frequente, a erradicação do *habitat* da sua vida, o sentir-se enclausurado em apartamentos muito pequenos, partilhando até a habitação com os netos, fazem com que a velhice seja mais difícil ainda. O facto de não terem descoberto o diálogo dos corpos, a ternura do encontro erótico na sexualidade, seca uma fonte de doçura que, sem a paixão da juventude, é um grande consolo para muitos na sua velhice.

A insegurança económica, os receios de não chegar ao fim, acrescentam um novo factor a este rol de calamidades.

Porém, todos temos visto, e isso é uma grande verdade, que muitos casais que chegaram a esta idade seguem de mão dada. E quando assim é, não se resiste à tentação de lhes perguntar: “*Depois de toda uma vida, depois de tantas transformações, o que é o amor?*” A resposta, dada de formas diversas, foi geralmente a mesma: “*Amor é que ela seja feliz, que ele seja feliz.*” **Cada um deles apenas existe para o outro. Por ti! É a plenitude, a santidade do matrimónio.**

Descobrir as inúmeras possibilidades de realizar uma tarefa discreta, gratuita, eficaz, descobrir tantas coisas que o tempo livre permite nos campos da cultura, da oração, do desporto tranquilo, das férias, das conversas, das partidas, da brincadeira com os netos ..., são outras tantas facetas que preenchem a vida de forma gratificante e nos predispõem para a oferta final.

6. A da viuvez

É a última e definitiva crise do casal. Esse ombro em que podia reclinar a cabeça já não existe. Dura solidão, pois não se deixa de ser casal.

O matrimónio é uma realidade deste mundo e, como tal, é temporal, efémera. Um dia acaba. Não devemos ocultá-lo, nem negarmo-nos a pensar nisso. É um exercício que ajuda a:

- Não esquecer que o único absoluto é Deus. “*O teu esposo é o teu criador*”, como diz Isaías. Não se pode possuí-lo. O outro é um dom do teu criador para ti, um caminho em que te faz presente.
- Um dia terás de oferecer esse dom, que recebeste como uma semente. “*Aquele rapaz/rapariga que um dia, Senhor, puseste no caminho da minha vida, o grande dom que recebi de ti, chegou à sua plenitude, cum-*

priu os seus dias e hoje ofereço-to. Empenhei-me totalmente em acompanhá-lo, dar-lhe força e luz. Dei-lhe ternura e exigência, pelo meu amor. Recebi-o de ti, Senhor, em promessa, e hoje ofereço-to em plenitude. Vivi por ele/ela, fui feliz e quis fazê-lo feliz. Obrigado, Senhor.”

- Se bem que menos romântico, evitem ser inúteis um para o outro ao longo da vida. De maneira que quando um de vós faltar, o outro possa continuar a viver sem pesados traumatismos. Que ao menos saiba onde estão as coisas e como funcionam.

AVERIGUANDO AS CAUSAS

Não é difícil fazer uma grande enumeração das causas mais frequentes das crises conjugais. **A própria vida é crise. Os tempos em que vivemos também o são.**

Há, porém, algumas causas que se entrecruzam, que ampliam as crises, que estão na sua origem. Devemos estar atentos a elas, pois isso vai-nos ajudar a resolvê-las, a entendê-las, a rirmo-nos um pouco de nós mesmos e a relativizar as coisas:

** Todas as formas de imaturidade pessoal*

É preciso entender a vida como um trabalho. Há um mínimo de maturidade para além do qual não temos qualquer desculpa. Egoísmo em excesso, sermos possessivos, agressivos, ciumentos, não comunicarmos, tornam tudo muito difícil.

** A falta de entendimento sexual*

O não chegar a descobrir a nossa forma de nos encontrarmos, de nos gratificarmos, de nos exprimirmos na linguagem amorosa dos nossos corpos tem consequências graves. Há os que desistem e se resignam, em vez de procurarem uma melhor qualidade ao longo da vida. Sem sexualidade não há vida conjugal. A qualidade da vida sexual é um termómetro da boa ou má vida conjugal.

** Os filhos nos seus momentos difíceis*

Muitas vezes os filhos tomam rumos que não estão de acordo com os nossos.

Por falta de concordância nas nossas atitudes educativas, quando devíamos estar mais unidos, quando eles mais precisam que estejamos unidos, é quando começamos a distanciar-nos.

****A intromissão das respectivas famílias***

É tão difícil deixar partir de verdade os filhos, dar-lhes a vida que lhes pertence! ...

São tantos comentários, pequenas ironias, atitudes que provocam receios, e é tão importante para cada um a sua própria família, que muitos casais nunca conseguiram ser eles mesmos, viver a sua própria vida.

****As doenças, os problemas económicos, os descabros profissionais, a greve, a infidelidade ...***

Gostaríamos de nos deter em duas causas que parecem ser as mais frequentes, as mais importantes e as que mais interferem na educação dos filhos:

****A falta de diálogo***

É indiscutível que por trás de um casal que funciona bem há muito diálogo. Muitas horas de diálogo, tardes inteiras ou pelo menos uma boa parte delas, sistematicamente, uma vez por mês. O diálogo, que não é fácil no princípio, converte-se na coisa mais bela do matrimónio, como condição indispensável para outros encontros.

O diálogo impede que nos “comamos”, que se alarguem as distâncias, que cresçam as raízes venenosas. Pelo contrário, permite que tudo se vá solucionando, que a reconciliação seja possível dia após dia.

E, por mais que falemos, diz-se muito pouco, ou então só se fala quando é necessário, para recriminar ou para nos queixarmos, no “fogo” por trás das nossas trincheiras, ou então para dizer tolices, contradizendo-nos nas mais pequenas coisas.

Os jovens que cresceram nesse ambiente de cultura tão especial da comunicação, do pôr em comum, possuem um grande tesouro, passarão mais facilmente as suas etapas difíceis.

****O jogo do machismo e do matriarcado***

Converte o eixo mães-filhos na coluna vertebral da família. De facto muitas mulheres são magníficas mães e não são tão boas esposas. E

outros tantos varões são muito bons “filhos” e péssimos maridos: “Estou farta de ter mais um filho no meu marido. Quero um homem!”.

É a consequência de ser a mãe sozinha a educar os filhos, a despertar neles uma afectividade incapaz de preencher o essencial. O filho habitua-se a viver com uma “mulher que satisfaz as suas necessidades”. Essa posição existencial vai levá-lo ao matrimónio. A filha recusará esse modelo de identificação.

Devem pensar sempre que educar é formar os filhos para serem casal, ir despertando neles todas essas qualidades latentes no seu ser, que os tornarão capazes de ser casal. Muitos homens e mulheres possuem coração de solteiro, se bem que se tenham casado. Neste facto reside a razão de muitas crises.

Foi um longo caminho, de crise em crise. Não podemos fechar os olhos ao processo. **O matrimónio é um caminho para se ser feliz**, não deve ser uma realidade atroz. É preciso trabalhá-lo. Para crescer sem parar, para serem fieis até ao fim, para serem felizes.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Apresentamos, seguidamente, um conjunto de questões para ajudar à reflexão em casal ao longo do mês, e para posterior debate em equipa, às quais devem responder por escrito

1. No tema, são enumeradas seis crises habituais na vida de um casal:

- Já passaram por algumas delas? Como as ultrapassaram?

- Querem relativizar algumas delas?

2. Sobre as causas das crises principais:

- Quais são, em vossa opinião, as principais?

- Que outras causas acrescentariam?

- De entre as soluções avançadas, quais vos parecem as mais importantes?

3. A reflexão que acabam de fazer tranquiliza-vos, dá-vos forças? Saber que todos vivem mais ou menos as mesmas situações, cada qual da sua maneira, ajuda-vos a relativizar as vossas próprias crises? De que forma?

4. Estão dispostos a ajudar um casal em crise? Como o poderão fazer?

No final da reunião e após escutar todos os casais, que conclusões gerais tiram do estudo deste tema?

Procurem concretizar alguma em que haja concordância.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

O diálogo que se propõe ao casal é muito sério e obriga a uma grande transparência, mas é imprescindível para a comunhão entre os dois. Antes de o iniciarem, seria bom que fizessem uma oração espontânea.

Em seguida, depois de lerem as pistas e fazerem um curto silêncio, devem iniciar o diálogo.

- Têm os dois a sensação de que entre vós há coisas com as quais “*já não há nada a fazer*”, das quais “*é impossível falar*” e que são a principal fonte das vossas crises? Tenham a coragem de as concretizar.

- Todos sabemos o mal que constitui silenciar situações, arrastar os conflitos durante muito tempo... Ainda que vos faça sofrer – é preciso purificar o amor, curá-lo – por que é que não dão um passo em frente, de boa fé, e não analisam essas situações? Com cedências de ambos, e não as de um só, tudo se pode ir solucionando.

- Já alguma vez ajudaram algum casal a solucionar as suas crises? Sem ser “*maçadores*”, poderiam preocupar-se com eles, acolhê-los, escutá-los, acompanhá-los, sabendo que estão a passar uma situação difícil.

É natural que doa. É difícil. É necessário que as coisas se concretizem. Porque se conhecem tão bem é preciso ir curando as feridas. Seria magnífico que reiterassem de modo formal o compromisso do matrimónio, compromisso de se fazerem felizes, de dar tudo um pelo outro.

E devem celebrar também o acontecimento de forma informal.

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- Depois do diálogo em casal, quais as melhorias que surgiram no cumprimento dos pontos concretos de esforço?

- De tudo o que foi analisado, tema e questões, devem extrair por comum acordo uma regra de vida pessoal e em casal.

- Sobre a mudança de atitudes, verdadeiramente **têm sido um para o outro oportunidade de Encontro e Comunhão** durante este mês? E na vossa família? E na vossa equipa?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

4 ^A
REUNIÃO**O DIÁLOGO CONJUGAL****I. TEXTO DE MEDITAÇÃO** (Jo 3, 17-31)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por meio d’Ele. Quem acredita n’Ele não está condenado; quem não acredita já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus. O julgamento é este: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiam as trevas à luz, porque as suas acções eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima para que as suas acções não sejam desmascaradas. Mas, quem age de acordo com a verdade, aproxima-se da luz, para que as suas acções sejam vistas, porque são feitas como Deus quer”.

II. TEMA DE ESTUDO**O DIÁLOGO CONJUGAL**

Falamos pouco. Falamo-nos pouco. À dificuldade natural que sentimos para nos comunicarmos, para saber dizer o que se passa connosco, juntam-se as pressas e o cansaço da vida moderna, que apenas nos permitem tempo para procurar uma evasão e esquecermos, assim, tantos problemas que nos afligem; ficamos sem o tempo que precisamos para o essencial.

O diálogo conjugal entra naquilo que devemos considerar de “*essencial*”, imprescindível para nos compreendermos, para partilharmos, para que o nosso amor cresça, para vivermos a dois. Essencial para não chegarmos a ser dois estranhos que vivem juntos, essencial para evitar que uma pequena brecha

se transforme num grande dique, para não serem indiferentes um perante o outro. Essencial para saborear o outro ao longo do processo da vida, caminhando juntos até à plenitude de ser cada um o mesmo.

Essencial para ser marido e mulher

Como dizia alguém, o diálogo em muitos casais é um diálogo de bombeiros; diálogo no fogo. No fogo dos egoísmos que colidem, das agressividades latentes, das nossas intransigências, das nossas incompreensões. E se somos pacíficos e não chegamos a tanto, diálogo que se esfuma nas nossas necessidades, nas coisas que passam ao lado, no que custa a vida ...

Mas não num encontro de corações. E isso é preciso procurá-lo. Não se pode deixar como hipótese. Não se pode deixar para mais tarde. É preciso dedicar-lhe tempo e atenção. Não podemos desanimar pelo facto de, por vezes, “*não dar*”.

Como se se tratasse de programar e cumprir outros compromissos: “*no dia tantos ir jantar a casa de ...*”, “*no dia tantos ir ao cinema*” ou “*ao futebol*”... é importante descobrir o que é que significa programar também o **nosso dia** todos os meses.

Esse dia em que vão ser de um modo especial um para o outro. Em que desde que se levantam procuram ser diferentes, e tratar com imaginação as coisas. Esse dia em que vão dedicar todos os momentos livres um ao outro, em que vão ser de uma forma especial um para o outro.

O vosso dia. O dia em que tenham tempo para conversar longamente, para se espriarem e seduzirem, para se compreenderem e exigirem. Esse dia em que vão encontrar a forma de estar sós o maior período de tempo possível, o ideal seria todo o dia. Não digam que não podem, que não têm tempo, porque por outros motivos são capazes de o conseguir.

E antes de iniciar o vosso diálogo, que é diferente do “*já falámos*” de todos os dias, orem um pouco. Primeiro sozinhos e depois juntos. Para criar esse clima e para que cada um não vá de imediato às suas reivindicações, à satisfação do amor próprio. Se estás muito tenso/a, faz um pouco de yoga e, se não sabes, relaxa, toma um duche e perfuma-te, tranquiliza-te, acalma-te e predis põe-te a “*querer apenas agradar-lhe*”.

1. Duas parábolas

- De Bernard Shaw: “*O homem mais inteligente que conheço é o meu alfaiate; todas as vezes que o visito tira-me as medidas, enquanto os outros o fazem uma única vez*”.

Se queremos aprender a descobrir o outro temos que aprender a redescobri-lo sempre como algo de novo.

- De Schopenhauer: *“É noite, faz frio, e numa grande planície estão alguns porcos espinhos. Como está frio aproximam-se uns dos outros e quando se aproximam picam-se; porque se magoam, afastam-se. E assim sucessivamente.”*

Todo o jogo da vida consiste em encontrar permanentemente a distância que nos permite ao mesmo tempo ajudarmo-nos um ao outro e não nos magoarmos. É preciso aceitar que o outro não seja eu, que tenha caminhos próprios e ao mesmo tempo não aceitar a separação, tentar viver a dois.

2. Saber escutar

Um dos princípios da comunicação, da relação interpessoal, é quando alguém *“fala”*, quando alguém comunica, esse ser está-se a dar.

E a esta atitude, de que ao falar se está a dar, corresponde a do que, escutando, acolhe em si o dom do outro.

Falar = dar-se

Escutar = acolher

Escutar, acolher o dom do outro, é muito mais do que ouvir. Pressupõe a capacidade de esvaziar o interior, de se libertar de preconceitos, organizar tudo para querer captar e compreender a comunicação do outro, o dom do outro. É tudo uma arte de saber escutar. Não é fácil chegar a essa transparência. É uma sorte conhecer alguém que saiba escutar, que saiba colocar-se no teu lugar, que compreenda aquilo que realmente lhe estás a dizer, que não projecte nada de si nas tuas palavras, *“fazendo-te dizer”* aquilo que não disseste nem querias dizer.

Sentes que estás *“no”* outro, que conseguiste *“passar”*, e que ele te compreende. **Eu *“em”* ti, e tu *“em”* mim. Somos, por outro lado, *“uma só carne”*.**

Mas, pelo contrário:

- Quantas vezes estás a falar e vês que te interrompem, e já te estão a responder quando ainda nem sequer te explicaste. A que é que estarão a responder?
- Quantas vezes te sai *“pelo que me diz respeito”*, precisamente quando o outro começava a falar de si, forçando que ele se concentre em ti e

esquecendo que ele também precisa que tu te concentres nele, que ele também precisa de ti.

- Quantas vezes, sem esperar, abanas a cabeça com a resposta já preparada, cheio de preconceitos.

Não é fácil escutar, acolher o ser do outro, mas é tão maravilhoso!

Escutar é uma atitude dinâmica na pessoa. Há pessoas que se colocam na “*pose*” da escuta e nunca falam, ou porque não têm nada para dizer, ou porque estão na defensiva, ou ainda para esconder a sua ignorância. Pelo menos a sua discrição é digna de ser imitada, mas isso é outra coisa. É uma escuta passiva, resignada, “*alguém tem que escutar*”. São vítimas da manha alheia. E aqueles grupos em que todos falam ao mesmo tempo?

Resumindo, **é preciso escutar com o coração, porque só o coração pode acolher**, porque só o coração põe inteligência, compreensão e sensibilidade na escuta.

3. Acreditar no outro

Acreditar no outro, apesar de tudo. Porque todo o ser é capaz de mudar, de se transformar, de dar a volta à sua vida. Acreditar no outro, porque em todo o ser há qualquer coisa, há muito que é positivo e válido. A partir daí podemos construir.

Frases como “*se eu não o conhecesse*”, “*o que é que tem para me dizer?*”, “*para quê falar se a seguir vai ser tudo igual?*”, “*será que eu já não sei que espécie de pessoa é!*” ... revelam muitas vezes situações limites, de resignação perante o impossível, de falta de amor.

Creio em ti! É um acto formidável de amor e de esperança. Sempre existe qualquer coisa de onde partir, a que podemos agarrar-nos. E sem chegar a essas situações limite, dizer “*creio em ti!*” é uma forma maravilhosa de dizer “*amo-te*”.

E é condição fundamental para o diálogo. Quantas vezes, todos precisamos que alguém nos diga “*creio em ti!*” Porque qualquer um pode ter as suas fraquezas, as suas fases más, os seus momentos sombrios. E precisamos poder recomeçar, ter uma nova oportunidade. Deixaríamos de ser intransigentes: “*acabou para mim*”, “*decepcionou-me*”, “*não voltará a ser o que era*”... se pensássemos em como o nosso Deus nos dá, em cada dia que passa, uma nova oportunidade. Se Ele tem tanta paciência contigo, e não o negues; se Ele te dá constantemente novas oportunidades, quem és tu para te negares, ao que quer que seja, à tua mulher ou ao teu marido?

Frequentemente esperamos que o outro seja aquilo que nós queremos que ele seja, para o amar. Esperamos que corresponda ao nosso sonho, ou projectamos nele as nossas insatisfações. Deus não nos pede que amemos os nossos sonhos; aquilo que Ele quer é que amemos as pessoas tal qual elas são. No momento em que uma pessoa se sente amada por si mesma, por aquilo que é, nesse momento começa a melhorar, a “mudar”.

Nunca conseguiremos que cresça esse próximo a quem, subtil e persistentemente, censuramos por não ser como gostaríamos que fosse.

Será possível gostar de alguém por aquilo que é, por ser ele, se não nos queremos a nós próprios, se não nos aceitamos, se não estamos contentes de sermos o que somos.

4. Dar resposta

É preciso saber responder à verdade do pedido do outro. Por vezes somos como os miúdos. O outro tem toda a razão naquilo que diz, naquilo que pede. Tem toda a razão do mundo. E tu sabes isso. Mas não cedés. E passam os anos e tu “teimoso como um burro”.

E és maravilhoso. E generoso. E ... por que é que se queixa, se não lhe falta nada?

Dou-lhe a *minha* resposta. Precisamente aquilo que quer é um copo de água, e eu empenho-me em dar-lhe um grande depósito de água. De facto, o depósito de água não lhe faz falta, aquilo de que necessita é apenas de um copo de água. É preciso entender afirmações como estas:

- Quero que dediques mais tempo aos filhos;
- Não queiras apenas satisfazer-te a ti, está mais atento a mim;
- Não silencies as tuas mágoas, pois isso faz-me sofrer mais do que se as partilhássemos;
- Não dedicamos tempo suficiente ao diálogo;
- Temos de nos desprender daquilo que nos sobra.

E tantas outras coisas. Quanto mais damos as “*nossas*” respostas, tanto mais vamos convertendo o outro em alguém que recebe uma assistência perpétua. Em alguém que nunca chegará a descobrir os seus caminhos nem a ser ele mesmo.

5. Falar de quê

De ti e de mim. Daquilo que acontece nas nossas vidas. Da nossa maneira de viver. Do que vou sentindo, do que me faz pensar e do que

penso. De como vou vivendo Deus, e de como te vou vivendo a ti. Do que nos aconteceu no outro dia. Daquilo que tínhamos de fazer. E compreenderíamos, perdoaríamos, reconheceríamos o bem. E do nosso projecto, do nosso crescimento. Daquilo que mais aprecio em ti e do que aprecio menos ...

Dos nossos filhos, e de cada um em particular. Dos nossos princípios a educá-los, e da situação de cada um deles. E das nossas famílias, amigos, vizinhos, e das nossas atitudes para com eles.

E do nosso trabalho, dos nossos compromissos para com os outros. Do que fazemos e de como o fazemos. Do que poderíamos fazer.

E de Deus, da Sua palavra, do que escutei. Da minha oração e da nossa oração.

De tantas coisas. Com ou sem jardins secretos, como queiram. É preciso falar das situações, apresentá-las, resolvê-las. Quantas vezes uma situação de menor importância fica por resolver, e acaba por enquistar e crescer. Uma coisa de pouca monta, que foi acumulando outras e, sem que nos dessemos conta, criou um abismo entre os dois.

De tantas coisas: escutando como quem acolhe, acreditando e tendo esperança no outro, tentando responder ao outro.

6. Algumas sugestões

A oração e a conjugalidade são semelhantes e exigem que se lhes dedique tempo. Podem ocupá-lo da seguinte forma:

* **No louvor:** Significa ter descoberto o que há de verdade, de bondade, de beleza no outro e ser capaz de lho dizer. Dizem-nos no Génesis que o nosso Deus, à medida que ia realizando a criação, via que tudo estava muito bem feito, e dizia-o.

É horrível o que nos custa descobrir algo de bom nos outros, e mais horrível ainda o que nos custa dizê-lo quando o descobrimos.

Que maravilhoso seria se se sentassem simplesmente para dizer um ao outro o que de bom vêm nele/a, sem subterfúgios! Será que já o fizeram alguma vez?

De certeza que sairão reconfortados. O ideal seria que o louvor se convertesse num hábito em vós ... Que fossem à procura de pormenores belos no outro.

Acabarão por consegui-lo. E com a presença de um no outro a vossa vida será uma festa.

* **Na gratidão:** Reconhecer o que significa para mim. Há pessoas que têm sempre a palavra “*obrigado!*” na boca. Outras nunca a pronunciam, por mais que façamos para a merecer. Já pensaram no que cada um de vós significa para o outro?

Outra ideia para quando falarem no “*vosso dia*”: Vamos dizer tudo aquilo que significamos um para o outro ao longo da vida! Vamos recordar os momentos maravilhosos vividos juntos! Vamos dar graças um ao outro!

* **Na oferta:** Lembrem-se de quando Jesus disse ao cego de Jericó: “*Que queres que faça por ti?*” A oferta é o que fizeram uma vez, quando cada um de vós comprometeu a sua vida com o outro. Mas, no dia a dia, quantas vezes disseram um ao outro de verdade “*o que é que queres que te faça?*” Não se trata da oferta de coisas tuas, daquilo que te sobra, das tuas migalhas. É a tua oferta, a oferta de ti.

Estamos cheios de razões para não o fazer. Temos medo que nos comam ... Oferecemo-nos à boca pequena. A atitude de oferta é tão sintética! Por isso é tão difícil para nós. Talvez nela esteja a chave e o segredo de muitas coisas que seriam de outra forma se a disposição fosse diferente.

* **No perdão:** É parte integrante de qualquer relação: prescindir de ti! Ignorei-te, não te tive em linha de conta... É muito claro.

O perdão deve estar em todo o diálogo conjugal como ingrediente imprescindível. Não demorem tanto tempo a perdoar. E ao dizer “*perdoou mas não esqueço*”, não te enganes; aquele que não esquece não perdoou. Se tanto te foi perdoado, o que é que tu não podes perdoar?

* **Na súplica:** É o “*preciso de ti*” de quem se sabe pobre, que por si mesmo pouco pode.

Mas há a súplica da criança que só sabe pedir e não dá nada. Que exige. Ou a súplica do pedinchão, e quantas vezes o somos! Daquele que nunca tem o suficiente e para quem nada é suficiente.

E há ainda outra súplica, que brota da ternura e da pobreza, de quem sabe receber e precisa de receber do outro. Porque também há quem não precise de ninguém nem de nada.

O “*preciso de ti*” devia ser permanente nas vossas vidas.

Podem ver que são sugestões simples, mas que de facto enriquecem e qualificam a vossa relação e o vosso diálogo. E que lhe transmitem uma certa emoção e profundidade.

7. E no final

O diálogo entre esposos não se acaba na palavra. Nem a comunicação. Há a “*liturgia*”, esse conjunto de sinais e de ritos pelos quais se reconhecem, se comunicam, se amam. A celebração desse acontecimento é único na aventura do vosso amor. Recordação e actualização de toda uma história de amor. Sempre que se pergunta aos casais como vai a liturgia das suas relações, sorriem.

Sem ritos, sem sinais, o amor morre.

Sem o celebrar, o amor morre.

Sem recordar, o amor morre.

Sem renovação, sem actualização, o amor morre.

Aplicaram alguma vez à vossa relação os grandes episódios de uma história de salvação e de amor? Os acontecimentos a celebrar são: escolheste-me, chamaste-me, libertaste-me, fizeste-me crescer, encheste-me do teu espírito, resgataste-me, fizeste-me fecundo. Amaste-me. E onde é que estão esses ritos e sinais que tornavam presente a vossa história? “*Tínhamos alguns, mas foram-se perdendo ...*”

Cada casal precisa de uma linguagem, de uma mímica, de uma simbologia. E precisa de os enriquecer dia após dia. É preciso dar vida e imaginação ao amor. Um grãozinho de loucura. Criatividade e fantasia. Ilusão. É preciso permanecer enamorados.

É urgente que revejam a liturgia do vosso amor, que cuidem dela. Que encontrem nela a vitória contra a rotina e o cansaço.

8. A festa

O romantismo do champanhe de uma quarta-feira qualquer. Mas mais. Notaram no Evangelho algo que é muito mais do que um pormenor não transcendente? Sempre que Jesus tinha um “*encontro*” com alguém, a esse encontro seguia-se uma festa. Chegaram a criticá-lo: “*anda sempre em comezainas*”.

Sem dúvida que o encontro em profundidade é, por si mesmo, um festim e um banquete, talvez o mais belo da vida conjugal. Mas precisamos de lhe atribuir um significado. Com qualquer coisa, por mais insignificante que seja. Não são precisas ostentações. Mas, não aceitem o aborrecimento e a monotonia. Sejam festivos! À vossa maneira. Têm de celebrar. Que qualquer coisa sirva de pretexto para tal. “*Que haja um motivo*”.

E para a frente!

Sejam uma festa um para o outro, para os vossos filhos e para todos. E em frente! Para isso não é necessário dinheiro nem convites especiais.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Apresentamos, seguidamente um conjunto de questões para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês e posterior debate em equipa, às quais devem responder por escrito.

1. Cada casal deve pôr em destaque dois ou três aspectos que mais tenham chamado a sua atenção durante o estudo deste tema, comentando-os em seguida.

2. De acordo com a vossa própria experiência e pelo conhecimento que têm de outros casais:

- Parece-vos que se fala suficientemente a nível de casal?

- Quais são os temas que julgam não ser abordados habitualmente?

- De que é que se fala com mais facilidade?

3. A nível geral:

- Quais são as principais dificuldades que se colocam ao diálogo em casal?

- Quais as soluções para ultrapassar essas dificuldades?

4. Que cada casal prepare um comentário a uma das parábolas apresentadas em II 1. de Bernard Shaw ou de Schopenhauer. Devem fazer aplicações concretas.

5. Pensam que a incapacidade de amar o outro tal como ele é, pelo que é, por ser ele, possa ter como causa a falta de aceitação de si mesmo? Poderão ser outras as causas? Desenvolvam as vossas respostas.

No final da reunião, e após escutar todos os casais, devem avaliar o trabalho feito, principalmente nos seguintes itens:

- De que vos serviu?
- Como é que se sentem, a nível pessoal e de casal, a estudar o tema e a tratá-lo na reunião?
- Que conclusões tiram?

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Comecemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguido da oração partilhada e exposição de intenções (estes pontos da reunião ficam já preparados), criando um clima interior de acolhimento ao outro, que vai facilitar uma verdadeira atitude de diálogo.

Em seguida, façam um curto silêncio e só depois troquem impressões sobre cada uma das pistas apresentadas:

- Quais são os temas que “*nunca se podem*” abordar entre vós? Concedam a vós próprios um período de silêncio para que cada um prepare a sua resposta.

- Gostam de ficar sós? Saiem sós? “*Escapam*” os dois para ficarem sós?

- Fazem-no com alguma frequência? Têm ao menos o vosso dia por mês?

- Não? Porquê? Porque é que precisam sempre de ter outros à vossa volta? De que é que têm medo?

- Dedicuem hoje um pouco de tempo a dizer um ao outro tudo aquilo que vêm no outro, sem reticências.

- Quais os costumes que se foram perdendo desde o noivado? São capazes de criar hoje algum costume novo para o futuro?

- Digam um ao outro com sinceridade: “*O que é que queres que faça por ti?*” Pensem no assunto e dêem uma resposta concreta na vida do dia a dia.

E finalmente um convite: escrevam uma carta de amor um ao outro. Talvez já há muito tempo que não o façam.

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- Quais os pontos concretos de esforço em que acham ter havido maior aperfeiçoamento?

- No dever de se sentar surgiram certamente alguns aspectos que necessitam de ser melhorados a nível individual e de casal. Cada um de vós deve escolher uma regra de vida que consubstancie o esforço de aperfeiçoamento.

- Conseguiram ao longo do mês dar tempo e criar a disponibilidade interior necessária a uma verdadeira escuta do que é hoje a **Vontade de Deus para o vosso projecto de vida a dois?**

- Têm dado espaço um ao outro e aos filhos para que Deus se manifeste através deles?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

5^A
REUNIÃO**A ORAÇÃO CONJUGAL****I. TEXTO DE MEDITAÇÃO** (Jo 3, 17-21)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Eu não te peço só por estes, mas também por aqueles que vão acreditar em Mim por causa da sua Palavra, para que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti. E para que também eles estejam em Nós, a fim de que o mundo acredite que Tu Me enviaste. Eu mesmo que lhes dei a glória que Tu me deste, para que eles sejam um, como Nós somos Um. Eu neles e Tu em Mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e que os amaste, como Me amaste a Mim”.

II. TEMA DE ESTUDO**A ORAÇÃO CONJUGAL**

A oração conjugal cria o clima da espiritualidade a dois, é o seu florescimento mais correcto, é a sua força e o seu remédio, o seu alimento, a fonte da qual brota.

Para muitos a oração conjugal encerra uma dificuldade insuperável. Algumas condicionantes psicológicas podem estar aqui em jogo: falsos pudores, incapacidade para ultrapassar determinadas distâncias ou rupturas, concepção anquilosada daquilo que é orar ... Francamente às vezes é difícil detectar as causas, e até os próprios casais não são capazes de as indicar.

Mas, como disse Jesus, é imprescindível orar: *“aquele que ora, salva-se”*, e orar tem de ser fácil. Aquilo que é imprescindível tem de estar ao alcance de todos. Respirar é imprescindível e, claro, é fácil. O mesmo acontece com a oração, à qual se pode chamar *“a respiração da alma”*.

Talvez tenhamos de a redescobrir, ter a humildade de começar do zero várias vezes na vida. Talvez tenhamos de apagar todas as complicações mentais que lançámos à volta dela e aceitá-la na sua simplicidade e ingenuidade.

Será que ainda não descobrimos que a oração está dentro de nós, no mais íntimo do nosso ser, e a única coisa que precisamos fazer é deixá-la brotar?

Resumindo, julgamos que o nosso grande problema, em relação à oração, é que só rezamos para pedir, só rezamos para dar graças por aquilo que temos e não compartilhamos. Talvez rezemos para nos justificarmos e reconciliarmos connosco mesmos, ou porque é uma obrigação, ou porque tenhamos “*necessidade*” de o fazer, ou porque nos dá paz ... Vivemos tão preocupados connosco próprios!

Talvez seja por aqui que chegamos ao cerne do problema, e é por aqui que devemos começar.

1. A oração cria o clima da espiritualidade conjugal

Santo Inácio, mestre da oração, insistia em que a disposição para orar devia ser a seguinte: “*Querer apenas agradar-lhe*”. E vós, como esposos, entendem melhor que ninguém o significado de “*querer apenas agradar ao outro*”. Rezar é isso: querer agradar-lhe, ser para Ele, bendizê-lo, oferecer-lhe esse tempo da própria vida, agradar-lhe, obsequiá-lo. Rezar é também dar-Lhe uma oportunidade para que possa ser para ti aquilo que Ele é: o Deus bem-aventurado, de amor, o que te chamou, escolhendo-te, o que te fez livre, o Deus de misericórdia e de salvação, o Deus todo ternura e fidelidade, o Deus justo e compreensivo ...

“Não é possível aos olhos verem, nem aos ouvidos escutarem, nem sequer passa pela cabeça do homem aquilo que Ele pode vir a ser para os que o amam”.

Ser exclusivamente para Ele e Ele para mim. Isso é orar, na vida e nos momentos de intimidade. Basta colocar tudo isto no plural para se entender o que é a oração conjugal: serem os dois exclusivamente para Ele, e Ele para nós. A oração fluirá automaticamente da vossa comunhão e será louvor, adoração, oferta, gratidão, perdão ... Poderá ser tantas coisas!

É preciso compreender ao mesmo tempo o que é a oração e como é que ela cria o “*clima*” da vossa espiritualidade. E é obvio que se lhe diga que “*queremos apenas agradar-lhe*”. Aquilo que vivem na oração, devem vivê-lo nas vossas vidas. Porque se na oração o que efectivamente pretendemos é agradar-lhe, estaremos a treinar-nos para conjugalmente querer apenas agradar um ao outro. E vice-versa, quanto mais nos esforçarmos para viver a querer apenas agradar um ao outro, e a todos os que nos rodeiam ou que

encontremos no caminho, estaremos a entrar na oração. De facto, a dificuldade da oração não reside nela própria. Está em nós mesmos vivermos demasiado preocupados connosco. Neste banquete da vida, caminhamos em função do banquete, e não em função do Amigo que no-lo oferece, conforme diz o sábio.

E quando se refere o Amigo que nos oferece o banquete, referimo-nos a Ele e referimo-nos a ti. É a ti que procuramos no banquete:

- *Na festa do encontro profundo do diálogo, que põe em comunicação o centro do meu eu com o teu, apenas quereirei agradar-te;*
- *Na festa do encontro sexual dos nossos corpos, sinal e chamada da entrega total dos dois, apenas quereirei agradar-te;*
- *Todos os dias ao despertar, pensarei em agradar-te, no trabalho, no divertimento, nas lágrimas e nos sorrisos, nas dificuldades e nas tristezas ... E o meu último pensamento será agradar-te.*

Oração e conjugalidade, tão paralelas e tão semelhantes. Por vezes ao falar-se de conjugalidade parece estar a falar-se de oração. E vice-versa. De facto, aquilo que sou com os outros sou-o com Deus. Não nos enganemos. Crescer em conjugalidade é crescer em oração, é crescer nessa outra conjugalidade com Ele.

2. Plenitude da comunhão

Porque na oração, como no diálogo e no encontro sexual, no compromisso ... somos também *“uma só carne”*, estamos em comunhão.

Porque apenas somos *nós* quando, de mãos dadas, elevamos os nossos olhos e somos para Ele e Ele para nós. E basta. Pensar, dizer, reflectir podem embelezar a situação, mas não são o essencial.

O facto de se dar a mão, e nos apresentarmos perante Ele, significa e pressupõe muitas coisas:

- Compreendemo-nos e perdoamo-nos ou, pelo menos, estamos a tentar que isso aconteça;
- Estamos perto um do outro, caminhamos juntos, partilhamos;
- Somos um, oferecemo-nos, acolhemo-Lo;
- Queremos agradar a nós próprios e a Ele;
- Aquilo que esperamos, esperamo-lo d'Ele;
- Ao amarmo-nos, amamo-lo a Ele.

E basta. Dar a mão e *“nós para Ti, Tu para nós”*.

3. Alimento e medicina

Força e fonte da conjugalidade, remédio. Remédio e medicina, porque na oração se fecham e cicatrizam tantas feridas, se acalmam e suavizam tantas intolerâncias, se compreende e perdoa, se apaziguam as tormentas. Bálsamo que tantas vezes nos faz falta. A presença do Justo põe cada coisa no devido lugar. **A presença do amor, da paz e da liberdade ... cura tudo.** Oxalá na oração se ponham lealmente na Sua presença!

Fonte, alimento e força porque na oração Ele pode ser tudo para nós. E o seu trabalho silencioso, e ao mesmo tempo suave e impetuoso, no mais íntimo do nosso ser, torna possível em nós aquilo que sozinhos não conseguiríamos; torna realidade aquilo que nos parecia impossível: que saibamos expirar para Ele e para os outros.

4. E na prática, “como”?

Na oração, cada pessoa, cada casal, tem que ser ele mesmo. Não se vão procurar receitas fora. Com toda a simplicidade, sugerimos:

- Dêem as mãos, olhem-se nos olhos (porque é que não tomam a decisão de não dormir uma só noite sem terem dado a mão?; por muito tensa que seja a situação, façam deslizar a mão cada um de vós até se encontrarem pois não há nada que seja imperdoável ...) e rezem o Pai-Nosso, qualquer outra coisa que vos agrade ou o que queiram. Ou, então, não digam nada. Estejam simplesmente na Sua presença e disfrutem-na em silêncio, sem pressas.
- Se tiverem *a oração da Igreja* (Seleção de Laudes e Vésperas) podem recitar juntos alguns salmos, em união com as gerações de homens que ao longo dos séculos o fizeram;
- Peguem no Evangelho, uma passagem ao acaso, ou em leitura contínua, ou na página de um livro qualquer cuja leitura vos agrade ou vos ajude; leiam-na, reflectam um pouco em silêncio, façam um pequeno comentário, seguida de uma oração pessoal, um Pai-Nosso juntos, e depois ... dormir.
- E se preferirem, o rosário ou outra oração qualquer.

Que cada um de vós se responsabilize cada dia em iniciá-la, em prepará-la: “*nos dias pares sou eu, nos ímpares és tu*”. Ou então como quiserem. O que interessa é criar a necessidade de orarem em conjunto ao Pai.

5. Orai “em nome de”

Quantas vezes vós, pais, rezam pelos vossos filhos! Rezem antes “*em nome dos*” vossos filhos. Em quantos momentos das suas vidas eles não saberão, não poderão, não quererão fazê-lo. Em seu nome, louvem Deus, dando-Lhe graças, ofereçam as vossas vidas. É preciso muita fé nesta oração dos pais em nome dos seus filhos, porque quando são pequenos não o sabem fazer e quando estão em crise também não o querem fazer.

E, sem dúvida, rezem também por eles.

Aceitem orar “*em nome de*” e “*pelos*” vossas famílias, vossos vizinhos, vossas equipas, vossas comunidades, pelo mundo em geral.

Sejamos intercessores e Deus ouvir-nos-á.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Devem reflectir em casal e depois responder por escrito às questões apresentadas para serem debatidas na reunião de equipa.

1. Muitos casais fazem referência a um “*certo pudor*” para justificarem a sua dificuldade na oração conjugal: será possível entre todos aprofundar as causas desse “*pudor*”? Que outras explicações são capazes de avançar para essa dificuldade?
2. Santo Inácio diz que é condição indispensável para orar “*O querer apenas agradar-Lhe*”. A partir desta afirmação devem fazer uma reflexão sobre o paralelismo entre a oração e o amor conjugal. São capazes de retirar dessa reflexão algumas conclusões?
3. Todos nós precisamos de “*tratar*” o nosso amor. A oração conjugal apresenta-se como um caminho para o tratamento do amor conjugal. Como casal têm alguma experiência nesta matéria? Serão capazes de concretizar situações em que o amor pode ser curado através da oração?
4. Na reunião da equipa, cada um dos casais será capaz de transmitir qualquer experiência de oração conjugal que tenha feito?

Na reunião da equipa, depois de ouvirem todos os casais, devem terminar esta reflexão com uma oração pessoal

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Depois de uma oração partilhada de preferência sobre o texto de meditação (Ponto I), criando um clima de acolhimento e abertura entre os dois, que vai facilitar uma verdadeira atitude de diálogo:

- Que cada um partilhe o que mais lhe despertou a atenção no tema, aquilo que lhe pareceu mais sugestivo ou o que foi mesmo novidade.

- Que cada um analise a sua experiência pessoal de oração: momentos mais intensos, aprendizagem ...
- Fazem a vossa oração juntos?
 - Sim? Que valor lhe atribuem? Quais as vantagens?

 - Não? Quais as dificuldades?

- A oração em família. Já iniciaram os vossos filhos na oração pessoal? Rezam com eles? Rezam “*em seu nome e por eles*”?

- Dêem as mãos e façam uma breve oração juntos.

Aproveitem o dever de se sentar, para reflectirem sobre a regra de vida, redefinindo-a.

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- Depois do diálogo em casal, quais os aspectos que precisam ser melhorados, nomeadamente em relação à oração conjugal.

- De que modo os pontos concretos de esforço ajudaram a **aprofundar com verdade o conhecimento do outro?**

- E nas outras atitudes de vida, que influência tiveram os pontos concretos de esforço no crescimento espiritual do casal.

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

6^A
REUNIÃO**A EDUCAÇÃO DOS FILHOS:
PRINCÍPIOS COMUNS****I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Fl 1, 3-11)**

(Este texto deve ser escolhido para a oração da reunião)

“Agradeço ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós. E sempre nas minhas orações, rezo por todos com alegria, porque cooperaste no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. Tenho a certeza de que Deus, que em vós começou esse bom trabalho, vai continuá-lo até que seja concluído no dia de Jesus Cristo.

É justo que eu pense assim de todos vós, porque estais no meu coração. De facto participais comigo da graça que recebi na defesa e confirmação do Evangelho. Deus é testemunha de que eu vos quero bem a todos com a ternura de Jesus Cristo.

Este é o meu pedido: que o vosso amor cresça cada vez mais em perspicácia e sensibilidade em todos os casais. Deste modo podereis distinguir o que é melhor, e assim chegar íntegros e inocentes ao dia de Cristo. Estareis repletos dos frutos de justiça obtidos por meio de Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.”

II. TEMA DE ESTUDO**A EDUCAÇÃO DOS FILHOS****1.ª PARTE – PRINCÍPIOS COMUNS**

Casais em que tudo corria bem, até que um dia se começam a ouvir frases do seguinte teor: “olha o que o teu filho fez”, “espero que digas qualquer coisa ao teu filho”, como se o filho fosse apenas de um só e a educação dada também por um só.

Cada filho é dos dois, é o mesmo, e na sua educação intervieram os dois e o resto da família, o ambiente, a televisão, a escola ... A vida dos filhos

pertence a eles próprios, os pais devem educá-los para que um dia partam. Na história da vida de cada um dos filhos há também a presença de um Deus de amor que vela por eles, que chega onde os pais não chegam.

Hoje em dia os pais sofrem muito pelos filhos. Frequentemente sentem-se culpados.

Angustia-os o imediato, o que passou. O amor que lhes têm impede-os de ver as coisas numa perspectiva histórica. Gostariam que em todos os momentos correspondessem àquilo que lhes quiseram transmitir. É preciso ter com eles a paciência que o nosso Deus tem connosco. É preciso esperar. S. Paulo diz que *“a paciência de Deus é a nossa salvação”*. E é verdade! Da mesma forma que a paciência dos pais é a salvação dos seus filhos, a paciência do marido é a salvação da esposa e vice-versa.

O que não pode acontecer é que por causa deles se distanciem um do outro no momento em que mais precisam de estar unidos. Na hora de suportar uma dor como não há outra, e que só se pode aguentar se for partilhada. Na hora de adoptar atitudes evangélicas exigentes e autênticas: estar perto à espera, manter as portas abertas à espera, sentir-se desprezado e continuar à espera, dando amor em troca de desdém, ternura por indiferença, solicitude e desprendimento por desprezo.

É neste momento que têm de estar mais próximos um do outro, apoiados um no outro, convictos de que a segurança e firmeza do vosso amor mútuo será sempre a chamada mais forte que eles vão sentir, aquela que permanecerá quando outros apelos se forem dissipando por si mesmos.

Saber estar próximo, chamar, esperar, os dois juntos, contra esse despropósito, absurdo e impensável, de se culparem mutuamente da mudança ou da atitude de um filho.

Após esta reflexão que, ainda que possa parecer um pouco trágica, corresponde a situações bastante frequentes, apresentamo-vos, em seguida, algumas propostas de educação que incidem na vossa conjugalidade.

1. Acordo de base na educação

É absolutamente indispensável que os pais tenham princípios comuns para educar os filhos. Ninguém pode impor-vos a decisão, de acordo com a vossa liberdade, nem quais os princípios em que deve existir um acordo de base.

Acordos que dizem respeito aos objectivos que querem atingir ao educá-los e aos valores prioritários que lhes querem transmitir. É vosso direito e vosso dever. São os objectivos e os valores que vão determinar as vossas atitudes pedagógicas, a vossa *“metodologia”*.

Os objectivos dizem respeito ao tipo de homem que, de acordo com a vossa cultura, pretendem desenvolver até que ele tome a seu cargo a sua própria vida. A simples enumeração de alguns pode dar-vos algumas pistas:

- Que possa “*sair*” com uma idade em que seja auto-suficiente, e não seja um inútil a quem tudo foi sempre dado de bandeja;
- Que seja capaz de assumir a realidade, a sua própria realidade e a dos outros, e não viva de fantasias;
- Que seja capaz de fazer a sua oferta, viver de acordo com o amor, e não de acordo com o seu egoísmo;
- Que seja capaz de se integrar na comunidade dos homens e de se entregar à tarefa comum de construir este mundo, de um ponto de vista solidário;
- Que seja capaz de assumir a presença de Deus, a transcendência da vida, a imitação de Jesus Cristo.

Em conclusão, quaisquer que sejam os objectivos que nos proponhamos atingir, estes ou outros, resumem-se sempre a dois:

- A glória de Deus;
- O que nós consideramos ser o verdadeiro bem.

Os valores dizem respeito aos objectivos que nos propomos atingir, a curto e a longo prazo, os quais devem estar relacionados com os fins; quer dizer, devem possibilitar que esses fins se cumpram sempre.

Seria fastidioso enumerá-los. São os grandes valores do Evangelho, de todas as antropologias, da sabedoria da humanidade. Se recolhermos dois ou três, se nos concentrarmos neles, isso fará com que todos os outros despartem.

Assim, podemos citar: a bondade para com todos, a verdade, a justiça, a paz, a responsabilidade, a solidariedade, o respeito, a participação, a simplicidade, etc ...

Devem, pois, estar de acordo, marido e mulher, com os objectivos que se propõem atingir ao educar os filhos, e com os valores prioritários. Para os ter é preciso dialogar muito em casal, para que fiquem claros para vós e para que o sejam igualmente para os vossos filhos. A educação não se faz com cada um a puxar para o seu lado: ambos, marido e mulher, devem ser protagonistas e, pouco a pouco, os vossos próprios filhos também o serão. Naquilo em que estiverem de acordo devem ser firmes e coerentes, leais e constantes.

Este não é o local mais adequado para falar especificamente da educação dos filhos, mas apenas da incidência da educação na vossa conjugalidade. Assim, ao referir-nos agora às necessidades prioritárias das crianças no seu crescimento, não nos referimos tanto às suas necessidades pessoais, – que todos sabemos se assemelham a “*fomes*” psicológicas com as quais nascem

a necessidade de amar e ser amado, de se sentir útil e dar sentido à sua vida – mas sim ao apelo que essas necessidades fazem à espiritualidade conjugal.

Desta forma destacaríamos:

1.1 - Saber que os pais se amam

Não é suficiente que se amem. Os filhos têm de saber que os seus pais se amam.

Há casais que, sem dúvida, se amam, no entanto, não têm o cuidado de evitar discutir diante dos filhos, e não fazem nada que possa dar a entender às crianças que se amam. Os filhos não podem adivinhar o amor dos seus pais. Têm que testemunhá-lo e saboreá-lo. Devem ter atenção ao seguinte: nunca levantem a voz um ao outro na frente deles, não discutam na sua presença, não se encolerizem diante deles. Isso magoa mais o coração dos filhos do que qualquer outra coisa. Se querem discutir – e a discussão é a coisa mais inútil desta vida – fechem-se no vosso quarto. Se estão empenhados em ferirem-se, em se afrontarem e em gritar, fechem-se no vosso quarto e que ninguém vos oiça.

De um modo especial gostaríamos de chamar a atenção para as refeições, e sobretudo para aquelas que podem fazer juntos. A refeição não significa apenas o alimentar-se para subsistir. É, acima de tudo, local e momento de encontro, de partilha, de escuta. Considerem a sala de jantar e o tempo da refeição como qualquer coisa de importante, dêem-lhe um certo ar de sagrado. Abençoem a refeição e dêem graças por ela, não permitindo que se transforme em local de disputas e lutas, nem de discussões ou agravos. Dêem o exemplo. Se lhes dão o alimento, dêem-se também a vós próprios, pela vossa bondade e atenção. Que seja um tempo de partilha, de se servirem uns aos outros, de entreaajuda entre todos, e de solidariedade, pela renúncia a favor dos que nada têm.

E de vez em quando digam algo agradável, sejam carinhosos, de maneira que os filhos o possam constatar. O facto de saberem que os seus pais se amam é o princípio mais radical do “*bem-estar*” dos filhos, da sua segurança pessoal. Porque só descobrimos o sentido real da nossa existência, ainda que não tenhamos consciência disso, apenas quando estamos em comunhão.

1.2 - Coerência

Deve haver coerência do pai e da mãe entre aquilo que se diz e o que se faz, na hora de exigir a seus filhos as mesmas coisas, de se entristecerem pelas mesmas coisas, de se alegrarem pelas mesmas coisas. Trata-se de outro princípio essencial para o “*bem-estar*” dos filhos, para a sua segurança pessoal profunda. É importante que conheçam os seus limites,

que saibam o que têm a fazer e aquilo que não devem fazer. No fundo, trata-se do princípio da sua futura liberdade.

Porém, se os filhos vêem que os pais dizem umas coisas e fazem outras, que o pai diz uma coisa e a mãe outra, que os empurram de um para o outro: “*ela que te diga*”, “*ele que te diga*” ...; se vêem que estão sempre a desautorizar-se, pouco a pouco vai crescendo a insegurança, a instabilidade, o “*mal-estar*”. Se vêem que num dia determinadas coisas vos parecem bem e no seguinte vos parecem mal ...

E para atingir este objectivo não é preciso ser perfeito. A criança ultrapassa facilmente uma falha ocasional, ou porque se está num dia mau ou por outra razão qualquer, quando constata uma coerência habitual.

O que efectivamente faz falta é um bom diálogo, estar de acordo nas atitudes de base. O que faz falta é falar de cada um dos filhos, com os seus problemas específicos, e também saberem posicionar-se perante cada um, num acordo de base.

E se alguma vez surgir um imprevisto, em que tiverem de reagir ou decidir e o outro não estiver de acordo, respeitem essa decisão. Discutam o assunto de imediato e se concluírem juntos que foi um erro devido a precipitação, peçam desculpa e expliquem a situação.

1.3 - Estar vigilante

Estejam sempre por perto, sem serem um fardo, acompanhem-nos no seu crescimento, cresçam com eles. É preciso, sem dúvida, dedicar tempo aos filhos. Mas os dois, em conjunto.

Por que é que não criam o hábito de falarem os dois com cada um dos filhos, pelo menos de três em três ou de quatro em quatro meses? Se os habituarmos desde pequenos, não será difícil ...

É muito importante para um filho ver que os pais lhe dedicam um tempo exclusivamente a ele, que se interessam, se preocupam, fazem-lhe propostas e corrigem-no num clima diferente da batalha de todos os dias.

Porque é que não fazem reuniões familiares ao menos uma vez por mês? Uma vez para rezarem juntos, outras para pôr em comum a situação pessoal, projectos, esperanças ...

São coisas destas que fazem com que as casas deixem de ser um domicílio para se transformarem num lar, de facto, numa comunidade. E não digam que são teorias. Não são, porque há muitos testemunhos que o confirmam. Se há outros que o fazem, também vós o podeis fazer.

Os acordos profundos são imprescindíveis. Exigem renúncias da parte de ambos, exigem que juntos encontrem novos caminhos. Mas vale a pena ...

2. Alegria e esperança

Costuma-se dizer com frequência que, pelo facto de um educador saber pouco ou muito, ser mais ou menos especializado, ser mais ou menos autoritário, isso não tem grande importância, desde que não se criem situações extremas. Considera-se, porém, imprescindível que um educador seja uma pessoa alegre e sonhadora, transmita esperança e contagie pela fé.

Por vezes, lançamos sobre as crianças fardos demasiado pesados. Uma criança não pode suportar um cepticismo sistemático. Como qualquer planta precisa de terra, água e sol, a criança precisa de acreditar na vida, acreditar nos outros e ver que os outros acreditam nela. Uma criança precisa muito de alegria à sua volta.

Frases como “*que chatice de vida*”, “*que cruz*”, “*como gostaria de me pôr a andar desta casa*” ..., são repetidas por nós com frequência, sem pensarmos no seu real sentido. E isso provoca danos na criança. Nos momentos de tranquilidade, e sobretudo quando estamos realizados com a nossa vida, devemos dizer à criança que é bom viver, que é um presente de amor do bom Deus, a melhor dádiva. E podemos dizê-lo porque é verdade, apesar da cruz e do sofrimento, ou do cansaço do dia a dia.

E isto não pode depender nem do carácter nem do temperamento. Como quer que sejamos, todos somos capazes, se o quisermos, de tornar agradável e risonha a vida dos outros. Porém, se nos empenharmos em ser aves agoirentas de calamidades, presenças tristes, caras carrancudas, agressividades latentes capazes de saltar ao menor estímulo, então a culpa será nossa. E reforça-se que a criança assume sem dificuldade o ocasional, desde que o habitual seja um ambiente de harmonia, de paz.

Quando extraímos o prazer de viver – como se extrai a água de um poço – do Evangelho, existe a tendência natural para desembocar numa fonte de alegria ainda maior: o prazer de fazer viver! O amor é o único ambiente em que pode nascer e desenvolver-se a qualidade da alegria de que nos fala Jesus no extraordinário texto de Jn. 15, 7-17: “*para que a minha alegria esteja convosco, para que chegue à plenitude ... amai!*”

Esta relação entre o amor e a alegria é um dos pontos altos da Revelação. “*Quando amamos – e isto quer dizer que nos preocupamos mais com a felicidade dos outros do que com a nossa – abrimos uma fronteira, estamos no jardim da alegria de Deus.*” André Seve: *O Gosto da Vida*.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

O estudo do tema desperta necessariamente o diálogo em casal. Depois de o fazerem, respondam por escrito às questões apresentadas, para serem debatidas na próxima reunião de equipa.

1. Cada casal deve recolher algumas das ideias deste tema que mais tenham despertado a sua atenção. Comentem-nas.

2. Muitos pais queixam-se de que ninguém os preparou para serem pais. Pelo contrário, os jovens casais recusam-se a fazer uma aprendizagem, pois consideram-na desnecessária, e o mais que aceitam é discutir sobre educação, partindo de uma atitude crítica em relação à educação que receberam.
 - Como explicar este paradoxo?

 - Consideram imprescindível possuir conhecimentos mínimos? Fazem alguma coisa para os adquirir?

3. Muitos casais começam a distanciar-se no momento em que os seus filhos começam a criar dificuldades: precisamente quando mais perto deviam estar um do outro. Qual a explicação para este fenómeno tão frequente?

4. “*Acordo de base quanto à educação*”. Cada casal deve assinalar, de entre os fins e valores mencionados, aqueles que lhes pareceram prioritários.

5. “*Alegria e esperança*”. Uma criança não pode crescer num mundo de desencantos e dramas. Pensam, com sinceridade, que as vossas presenças lhes despertam a vontade de viver? São capazes de arranjar forças para a esperança, mesmo nos piores momentos?

No final da reunião, após terem sido ouvidos todos os casais, que conclusões tiraram.

Procurem concretizar qualquer ideia que seja denominador comum.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Começemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguida da oração partilhada e das intenções (estes dois pontos ficam assim já preparados para a reunião de equipa), criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

A seguir podemos iniciar o diálogo, lendo as pistas e debatendo os assuntos apresentados.

- Falam com frequência entre vós sobre a educação dos vossos filhos? Conseguem chegar a consenso e tomar medidas concretas?

- Quais são os princípios em que fundamentam o vosso trabalho de educadores? Podem indicá-los? Adaptam-se bem? Pensam que necessitam de correcções?

- De que forma é que os vossos filhos têm influência na vossa conjugalidade?

Do vosso diálogo certamente surgiram propostas de mudança. É pois uma boa oportunidade para verificarem como estão os vossos pontos concretos de esforço, e tomarem medidas concretas para o aperfeiçoamento individual e em casal.

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- As sugestões apresentadas no Ponto IV ajudaram-vos no dever de sentar? De que forma?

- Conseguiram ao longo do mês descentrarem-se mais de si próprios e dar prioridade ao **encontro com o outro e com os filhos** para que haja mais comunhão? De que formas concretas?

- E nas outras **atitudes de vida**, que evolução podem registar?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

7.^A REUNIÃO

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS: O DESPERTAR DA FÉ NA FAMÍLIA

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Fl 1, 27-30)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Uma só coisa: comportai-vos como pessoas dignas do Evangelho de Cristo. Deste modo, indo ver-vos ou estando longe, que eu oiça dizer que estais firme num só espírito, lutando juntos numa só alma pela fé do Evangelho e que não temeis os vossos adversários. Para eles, isso é sinal de perdição, mas para vós é sinal de salvação e isso vem de Deus. Pois Deus concedeu-nos não só a graça de acreditar em Cristo, mas também de sofrer por Ele, empenhados na mesma luta em que me vistes empenhado, e na qual, como sabeis, ainda hoje me empenho.”

II. TEMA DE ESTUDO

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

2.^ª PARTE - O DESPERTAR DA FÉ NA FAMÍLIA

1. Um novo despertar da fé dos pais

No preciso momento em que os jovens esposos têm a certeza de esperar um filho, transformam-se noutra coisa. Até esse momento eram dois seres que viviam a dois. Eram um casal. Agora são uma família.

Quer se trate do primeiro filho ou de seguintes, tanto a gravidez como o nascimento assumem uma importância particular ao darem uma dimensão nova à fé dos pais, ao despertá-la para horizontes nunca sentidos até àquele momento.

A experiência da gravidez, essa nova relação mãe-filho, esse momento único do parto em que um novo ser nasce para o mundo, o sentirem-se criadores com Deus, necessariamente modifica a vida da relação do casal com Deus, com a Trindade.

Esta forte experiência de criação encerra sentimentos diferentes: o orgulho e a alegria pelo novo ser e a angústia de ter lançado o seu filho no mistério da vida e da morte. Emoção ante a dependência do filho. Admiração perante a descoberta de uma dependência ainda maior: a dos pais em relação ao filho. Nunca mais poderão desinteressar-se, prescindir dele.

E nesse momento, à medida que vão descobrindo a ternura de Jesus Cristo ao acolher os filhos, começam a compreender o que significa um Deus Pai: não é o Deus que manda, que dirige, que julga, mas aquele que se tornou totalmente dependente de nós, os homens, porque nos criou por amor e não pode prescindir de nós.

E à medida que a criança vai tomando consciência de si própria, pelo exemplo da harmonia do lar, pela vivência de experiências de solidariedade com os irmãos e até com os pais, e também experiências de agressividade ou rivalidade com os seus irmãos/ãs, tudo isso deve ser vivido pelos pais na fé, que devem provocar um novo despertar da sua fé e uma compreensão de Deus renovada cada dia que passa.

Tomarão consciência da paciência de Deus em relação a nós, de Ele não se cansar ao dar-nos, cada dia que passa, uma nova oportunidade de continuar a acreditar em nós, apesar de tudo; da maravilha que é a família dos filhos de Deus, com as suas luzes e as suas sombras, pois o seu fundamento é o amor, é o próprio Deus.

A vida não é algo que se dê de uma vez por todas. O que nos faz ser pais não é tanto o facto biológico da concepção, mas a generosidade (o amor que ao dar-se, dá vida) com que acompanhamos e ajudamos essa vida a crescer. É bonito ver a paternidade como um projecto de futuro, e não como algo que já está acabado. Em Isaías, lemos na boca do Senhor: *“Ainda um dia hei-de ser teu Pai, e tu serás meu filho”*.

Este aprofundamento da fé na vida pessoal permite aos pais *“impregnar”* o filho, desde o princípio da sua vida, com essa fé, e assim facilitar o seu despertar espiritual.

Mais tarde, o filho começará um dia a tomar consciência de si próprio, progressivamente vai iniciar um processo de separação e deverá partir. Haverá dificuldades e problemas. A Escritura diz: *“O homem deixará seu pai e sua mãe ...”*

Isso acontece mais rapidamente do que possa imaginar-se! É preciso estar preparado, querer que isso aconteça e propiciá-lo! O filho tem no cora-

ção um apelo, ao mesmo tempo humano e divino, para ser ele mesmo, para escapar a um afecto, por vezes dominante na sua boa vontade. Tem uma vocação que deve seguir. Um dia abandonar-vos-á por completo, para viver a sua vida de homem. Porém é preciso que desde o princípio o libertemos, pouco a pouco, para ele poder conquistar essa autonomia que o fará adulto. Por sua vez, os pais ir-se-ão desprendendo lentamente do filho, soltando as rédeas, dando confiança, ajudando-o, inclusivamente, a desprender-se em definitivo, a realizar-se.

Os pais aprenderão dessa forma essa lição, das mais duras que tem o livro da vida: que os filhos não são seus nem são para si, que a vida, que através do seu amor lhes transmitiram, vem de Deus, e apenas n'Ele tem o seu fim.

Desde o nascimento que a vida do filho interroga a fé dos pais. Não conseguiremos nunca meditar o suficiente sobre a transcendência de os adultos viverem a sua fé e acompanhar o seu filho no seu caminhar.

De facto, Deus não é alguém a quem, num determinado dia, decidimos apresentar o filho. Eles viveram com Deus desde o seu nascimento através do ambiente familiar. A um menino não se lhe apresentam, numa cerimónia, o pai e a mãe: ao viver com eles descobre espontaneamente que são seu pai e sua mãe. Com Deus acontece a mesma coisa. Ainda que Deus não seja visível como um pai ou uma mãe, há um ponto comum na sua descoberta: Tanto num caso, como no outro, trata-se de *viver com*.

2. O despertar da criança

Pouco a pouco, vai-se descobrindo o que é que representa para a criança a sua vida antes do nascimento e o seu próprio nascimento. É qualquer coisa de surpreendente. Porém não é menos fantástico tudo o que, do zero aos três anos, a vai levar à descoberta de si própria, do mundo e dos que a rodeiam. Graças ao amor dos pais, secundados provavelmente por outros adultos que sabem responder às mesmas necessidades de cuidados, de ternura e de atenções, terá lugar um novo nascimento: o nascimento de uma pessoa. Entretanto, dos três aos sete anos, será a etapa de construção dessa pessoa. É uma idade maravilhosa. As crianças fazem tudo com paixão: brincar, aprender, chorar, rir, dizer que não, comer ... E aqueles que se aproximam deles ficam fascinados por esta sede de viver e de conhecer.

No interior deste poderoso movimento de humanização está situado outro poderoso nascimento do espírito. À medida que se torna mais humano, pela qualidade dos seus actos, das suas relações, de toda a sua vida, o homem vai-se tornando mais “*divino*”. Não se trata de movimentos paralelos, nem de dinâmicas sobrepostas. É o mesmo impulso. Todo o progresso no sentido

de uma consciência mais pessoal, de uma interioridade mais rica, de uma maior auto estima, de uma criatividade mais diversificada, de uma vida mais aberta, de um amor mais intenso, mais dinâmico, adaptam-se ao projecto de Deus sobre a criança. Cada criança descobrirá, dia após dia, a experiência desta misteriosa presença de Deus nela, ao longo da sua história e do seu desenvolvimento. Esta experiência pessoal de Deus com ela está na base da sua fé.

Neste despertar da criança para a vida, é importante chamar a atenção para o seguinte:

2.1 - A grande capacidade de relação da criança

Desde muito pequena, com os adultos e com as outras crianças, é importante favorecer, em consonância com a natureza, tudo o que signifique abrir o coração da criança ao “*outro*”. Ajudá-la a vencer a permanente tentação de se centrar em si própria, de olhar-se a si mesma.

É necessário despertar nela:

- As capacidades de escuta, acolhimento, doação e gratidão;
- A sensibilidade para a presença do outro, para os seus silêncios, para as suas dores e alegrias;
- A compreensão dessa realidade, gravada na mesma natureza corporal do homem, de que somos “*seres para*”, que só ao integrarmo-nos na comunidade dos irmãos conseguimos plenitude, pois desde o nascimento precisamos do outro, e vivemos sempre em interdependência.

Deus é também **esse *outro*** que se apresenta perante a liberdade e a necessidade do homem. “*Abrir o coração ao outro*”, como atitude profunda do ser humano, é a mesma quando referida a Deus como quando referida aos irmãos. Não podemos dizer que amamos Deus se não amamos os que nos rodeiam, que queremos agradecer a Deus se não queremos agradecer aos irmãos.

O despertar espiritual é essencialmente um entrar em relação com Deus.

2.2 - A sensibilidade da criança para entender a linguagem do espírito

Aquilo que mais vai favorecer o despertar espiritual da criança é a “*impregnação*” que recebeu do ambiente em que vive.

Não se trata de aconselhar sobre o que é preciso fazer. É uma questão de vida concreta e quotidiana dos pais. Conduzir uma criança a uma vida espiritual não significa ensiná-la a recitar uma oração, a benzer-se aos

dezoito meses ou a pôr-se de joelhos aos dois anos. Isso está bem, mas o que importa é que a sua família viva a sua fé e assim, quase sem querer, faça viver a criança num ambiente espiritual, no sentido mais forte da palavra ambiente.

Um exemplo:

“O meu filho de quatro anos e meio disse-me na noite passada: - Mamã, não podemos fazer a oração; - Porquê? - É impossível, não estamos todos. - Vamos ver, está o papá, estou eu, estás tu e a tua irmãzinha (três anos e meio). - Sim, mas não está o pequenino. - mas esse está a dormir respondeu a mãe, ele nem sequer ia compreender a oração. - Isso não importa, para fazer a oração é necessário que estejamos todos, mesmo a dormir; vamos buscá-lo.”

Um irmão mais velho capaz de raciocinar desta forma tem, com certeza, uma influência espiritual sobre o seu irmãozinho.

Mas voltemos ao princípio. Há uma linguagem espiritual que foi entendida: **“para fazer a oração em família é preciso que estejamos todos”**. Mais tarde, quando crescerem, talvez isso não seja possível. Há, porém, aqui uma percepção espiritual muito interessante.

Uma criança entende o que significa: *“entra no teu interior”, “o Senhor fez de ti Sua morada”, “cala-te e escuta-O”, “deixa que as Suas palavras ecoem no teu coração e despertem em ti a sua sabedoria.”* Uma criança é capaz de escutar no silêncio as palavras dos salmos, dos Evangelhos.

Uma criança entende o louvor. Deixem que no vosso lar, o louvor perpassa nos vossos lábios, e sobretudo na vossa relação e nas vossas vidas, e também nesses cânticos e salmos que devem ressoar na vossa oração.

Uma criança entende a oferta, que vive diariamente na sua casa e que aprendeu a pronunciar na oração.

Uma criança entende o que significa dizer *“obrigado”, “por favor”, “desculpe”*, e tantas outras coisas. E entende-as porque as vive no dia a dia, e estão nos lábios de todos, e porque as pronuncia na oração.

2.3 - A importância do acto de fé

Ter fé em alguém é poder dizer-lhe *“creio em ti”*. É tanto como dizer-lhe *“amo-te”, “confio em ti”*. Fé, esperança e caridade são uma mesma atitude do ser humano, vivida em diferentes dimensões; são uma mesma disposição do coração do homem ao abrir-se para o outro pelo amor. Compreende-se que com a fé se passa o mesmo, tanto nas relações de amor inter humanas como na relação com Deus.

Dizer “*creio em ti*” vai muito mais longe do que dizer “*creio nas coisas que me dizes*”. Indica uma adesão à pessoa em si mesma. Se um pai descobre que o filho lhe mentiu, o que quer que seja que lhe diga, deve dar-lhe a entender mais ou menos o seguinte: “*não me disseste a verdade, mentiste porque querias defender-te, mas eu sei que isso não é habitual em ti. Isso acontece-nos a todos. Porém, acima de tudo isso está o meu amor por ti, e por tal eu creio em ti*”. A adesão à pessoa pressupõe a adesão ao que ela diz, mas não impede o juízo crítico. A adesão à pessoa vai mais longe, é outra coisa. Não podem restar dúvidas quanto a isto. É bastante frequente que, por causa de uma pequena falta, se desqualifique globalmente uma pessoa. Isso não pode nem deve acontecer.

Uma criança assume facilmente a fé no outro quando cresce testemunhando a experiência de credibilidade dos pais nela. Não é muito difícil crer quando, desde criança, sente que os outros crêem nela e lho transmitem. Porém, é inútil pedir fé a quem quase nunca viveu essa experiência, a quem não sentiu a credibilidade dos outros sobre a sua pessoa.

Crer nela como pessoa. Aceitá-la tal como é, com as suas limitações e qualidades, apreciá-la, valorizando-a. Seremos capazes de lho dizer com palavras, de lho dar a entender com gestos pequenos e grandes: “*Creio em ti*”. Sem perder de vista

que é um ser em desenvolvimento, que inevitavelmente o erro e a inconstância hão-de conotar o seu trabalho.

Crer na criança é dar-lhe vida. Quanto mais lhe dissermos que cremos nela, tantos mais motivos nos dará para podermos continuar a dizer-lho: porá em jogo as suas capacidades reais, abrir-se-á aos outros, comunicará facilmente, terá sonhos e esperança, não terá dificuldade em ter amigos, partilhará com prazer. Crescerá na fé. Sejamos capazes de criar no lar um clima de credibilidade no encontro.

3. “Tu és o meu Deus”

A criança “*impregnada*” pela fé dos seus pais, vive espontaneamente a sua relação com Deus. O que já não descobre tão espontaneamente é a relação entre aquilo que ela vive e aquilo que Deus quer para ela. Se um dia chegar a dizer com verdade “*Tu és o meu Deus*”, é um grande projecto, é um processo de discernimento que irá aprendendo a partir da sua liberdade, e que a vai acompanhar até ao fim da vida.

Em geral é aqui que reside hoje a origem do conflito entre alguns pais e seus filhos, muito embora não cheguem a precisar-se bem os termos desse

conflito: estamos preocupados com as práticas religiosas dos filhos, quando, na verdade, não podemos dizer *"Tu és o meu Deus"*, pois, na verdade, o nosso Deus é o poder, a procura de segurança, o nosso próprio eu, o dinheiro ...

Consideramos importante: em criança, a imagem que se tem de Deus é a dos pais; a experiência da ternura de Deus e do seu amor pessoal por Ele decorre desse amor maravilhoso dos pais pelo filhos; nos pais a criança procura salvação nos momentos de perigo, segurança, reconciliação e força.

Lentamente, e de acordo com a evolução das crianças, os pais vão tirando Deus do anonimato, vão-no deixando ocupar o seu lugar, tornando assim possível o encontro da criança com Jesus Cristo. Que bom seria que, nesse momento, a criança descobrisse que na verdade Deus é o Deus dos seus pais!

Dizer: *"Tu és o meu Deus"*, significa que, longe de querer encontrar em mim mesmo ou em ter a razão de ser da minha vida e dos meus actos, sei que no amor de Deus está a minha origem, a minha razão de ser, o meu fim. Significa aceitá-Lo na nossa vida. Viver a vida *"de acordo com Deus"* e não *"de acordo com os meus critérios"* significa que, assumindo a minha condição de pecador – dado certo em toda a vida humana –, quero fazer minhas as bem-aventuranças, as atitudes e critérios que Deus me indicou para ser feliz.

Devemos reconhecer Deus por Si mesmo. Devemos aceitar que há uma verdade que nos precede: *"Eu escolhi-vos ..."*, há uma luz que nos precede, que vem até nós, da qual não temos experiência. É neste ponto que os pais têm um papel maravilhoso ao ir tirando Deus do anonimato, nesse *"deixai-O passar"*, retirando-se com humildade. Só Deus sabe o que Ele reservou para cada criatura, ninguém o pode prever nem classificar. Há uma luz que precede o nosso filho e que o acompanhará, aconteça o que acontecer, até ao fim dos seus dias.

A fé tem sempre origem numa experiência vivida do outro, e sustenta-se com a experiência vivida de ter tido fé n'Ele. *"Sei quem tu és, experimentei-te, vivi-te, por isso creio em ti"*. Trata-se de duas coisas distintas: a experiência de Deus e a experiência do que significou na minha vida ter fé em Deus. Uma experiência dupla que torna indiscutível, para o crente, a fé em Deus. *"Eu sei ..."*, *"tenho a certeza mesmo que não O veja"*.

Desta forma, por um lado, a experiência de Deus está ao alcance de todos. A essência de Deus é dar-se. **A fé é "um dom de Deus"**, isto é, Deus dá-se e dá-se a todas as criaturas. O dom de Deus não é distinto d'Ele, pois é Ele mesmo que se dá. Pela parte de Deus, irresistivelmente, o acto de fé está assegurado: Ele dá-se a todas as criaturas e espera o momento. Ao homem resta abrir-se para Ele, dar-Lhe a oportunidade. Quando o homem se abre, a experiência está assegurada; a partir daí a fé fica cimentada e come-

ça a crescer. **A fé tem sempre a sua origem na experiência vivida do outro.**

Os pais ao ajudarem o filho a abrir-se a Deus, ao apresentarem-lhe o rosto de Deus, através da sua própria vida e também da sua palavra, são os que “fazem germinar” a fé. Como a vida, a fé vem de Deus através de nós, ao preparar o encontro, ao tornar possível a experiência do amor de Deus.

Por outro lado, a fé em Deus sustenta-se da experiência que acumulamos ao ir vivendo essa fé. Todos sabemos o que significou para nós o facto de ter fé em Deus. Assim, quando numa família se vivem, “a partir de Deus”, as alegrias e as tristezas, e “a partir d’Ele” se tomam as decisões, se interpretam os acontecimentos, e quando, à luz das suas palavras, vamos entendendo a nossa vida quotidiana, então a luz, a alegria e a esperança, a força interior, são consequência da nossa fé em Deus, e vão-na robustecendo e sustentando.

Assim, a fé, ao partir de uma dupla experiência de vida, é inquebrável. Somos fortes na fé. Esta qualidade é expressa pela palavra **fidelidade** (*fides = fé*). “Não tenho dúvidas a teu respeito, conheço-te”. A medida da nossa fé em Deus fica marcada por esta firmeza; se viveste a experiência do amor de Deus, do seu perdão, se na verdade, Ele é o teu Deus, apesar das tuas faltas, se cultivas através da oração a Sua amizade, se procuras ir adequando a tua vida àquilo que Ele te pediu para que fosses feliz ..., a tua adesão a Deus vai-se tornando inquebrantável. Nada poderá fazer-te duvidar d’Ele. E ainda que no teu íntimo possa despertar alguma vez essa dúvida cruel “e se nada disso é verdade, e se não há nada”, uma grande certeza sossegar-te-á: “eu sei em quem confio”. No teu íntimo irá tomando consistência uma oferta cada vez mais pura: “Faça-se em mim segundo a Tua palavra”.

4. Atitudes nos pais

Apenas se vão referir duas das principais, para manter a unidade e não alongar o tema:

4.1 - Unidade entre fé e vida

Esta seria a primeira atitude dos pais para ajudar o filho a encontrar o Senhor e a acolhê-Lo.

”De que serve, meus irmãos, que alguém diga «tenho fé» se não tem obras? ... Se a fé não tem obras está realmente morta ... Vereis como o homem se justifica pelas obras e não apenas pela fé ... Assim como o corpo sem espírito está morto, da mesma forma a fé sem obras está morta”. (Tg 2,14-26).

Deste texto devemos extrair uma chamada à unidade entre a fé e a vida. Sem dúvida, todos nos sentimos atraídos por esta unidade, no nosso desejo de vivermos em verdade. Isto é um dado fundamental, se queremos anunciar Jesus Cristo no interior do lar. *“A fé e o amor, vividos em transparência, suscitam a fé e o amor. Pois tornam-nos creíveis e exequíveis. Devemos evangelizar a nossa pouca fé, reduzir as distâncias entre, por um lado, as ideias e as palavras com que exprimimos a fé e o amor, e por outro lado, o curso real da nossa vida: isto é o mais importante.”*

(Jean Sullivan)

Não podemos perder de vista, por outro lado, que antes de dar à criança uma catequese sobre a fé, há um outro factor que vai contribuir para a despertar, mesmo antes dessa catequese. É aquilo que se faz viver à criança, sobretudo aquilo que ela vai experimentar no interior do lar e também nos outros locais de vida que serão os seus.

A criança que tenha vivido a experiência do amor pessoal, da reconciliação, da solidariedade, da liberdade, da justiça, da harmonia, etc., no dia em que escutar a sua primeira catequese dirá para consigo própria: *“Isso eu já sei, já o vivi”*. Di-lo-á mais ou menos conscientemente, ou então não o diz por lhe parecer natural. E, infelizmente, também será verdade o contrário.

Creemos que podemos dizer que o encontro com Deus se dá a partir daquilo que a criança tenha vivido, a partir do que teve sentido para ela, a partir, definitivamente, daquilo que sentiu em si própria. Não se trata de integrar os jovens. São eles que escolhem o que querem, se querem, quando querem. O fundamental é ajudá-los a viver de pé e livres. Vivendo com eles. Sem os engasgar com Deus.

É o pior que se pode fazer a quem tem fome e sede. Um homem que na sua vida nunca foi amado, não pode conceber que Deus possa amá-lo. Contudo são sensíveis ao testemunho vivido de fidelidade. Procuram à sua volta pessoas que se amem, que não tenham medo de arriscar tudo pela palavra dada.

4.2 - O respeito da sua liberdade

É fundamental respeitar a criança, respeitando a sua liberdade. Respeitamos a sua liberdade a partir do preciso momento em que começamos a educar essa liberdade, na procura permanente do seu desenvolvimento que é aquilo que definitivamente qualifica a existência humana.

A liberdade não tem nada a ver com aquilo que vem à cabeça de alguém, porque e como vem à cabeça, simplesmente porque apetece. A isto chama-se capricho, individualismo, falta de solidariedade, ser uma criança mimada.

A liberdade é, inclusivamente, mais do que a possibilidade de escolher entre diversas hipóteses, e mais ainda do que ser capaz de escolher em cada caso a opção mais justa, a mais adequada ao bem dos outros e ao de si próprio.

A liberdade é aquilo que qualifica o homem. É a sua capacidade de ter um projecto pessoal de vida, a sua capacidade de viver a partir da sua verdade e não da sua irreabilidade, e a partir daí ir transformando a sua vida. É a sua capacidade de dar e comprometer a sua palavra, de tomar opções arriscadas. É a sua capacidade de levar os seus compromissos até ao fim e até às últimas consequências. De assumir a sua responsabilidade tal como lhe é dada, e a partir dela acolher o mundo, os acontecimentos, a palavra, os outros. É, definitivamente, a sua capacidade de criar, de inventar a sua vida.

“No princípio, Deus criou o céu e a terra ...” É assim que abre o maravilhoso fresco da criação que a Bíblia nos oferece. Deus é desconhecido, e revela-se ao homem através de um acto criador. Criar está inscrito na própria essência de Deus. Feito à Sua imagem, o homem é também um criador, um inventor. Se renunciasse a esta capacidade (a primeira de que nos fala a Bíblia), o homem renunciaria a uma parte essencial de si mesmo, a uma parte da sua vocação de homem. Assim, todos os planos de educação da liberdade deveriam ter como objectivo, entre outras coisas, o desenvolvimento do carácter criador das crianças. Qualquer acto educativo que não dê a possibilidade às crianças de terem os instrumentos que favoreçam essa criatividade parece condenado ao fracasso.

Uma criança jamais se interessará pelo Evangelho se a liberdade ainda não se despertou nele, se não aprendeu primeiro a existir como homem livre. Sem ter aprendido antes a ter nas mãos as rédeas da vida, a ser responsável, é difícil interessar-se pelo Evangelho.

Ao perguntarmos a um jovem crente quais os factores que tornaram possível o desenvolvimento da sua fé, sem vacilar, e com as suas palavras, respondeu que tinha sido a liberdade que os pais lhe tinham dado. E, na verdade, só os seres livres são capazes de dar liberdade, como a dá Deus, o grande libertador.

Se ao homem foi dada a liberdade, será que tal não aconteceu para que se dê o encontro com Jesus Cristo? Ele foi criado para o amor, e por isso tal foi feito livre. Que o Evangelho encontre em nós essa liberdade que foi feita para Ele! Sem perder de vista a possibilidade dada ao homem de recusar o encontro com Deus, no exercício dessa mesma liberdade.

Tudo o que faz crescer a liberdade está em sintonia com este acontecimento maravilhoso do encontro do homem com Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

O estudo do tema desperta necessariamente o diálogo em casal. Depois de o fazerem, respondam por escrito às questões apresentadas, para serem debatidas na próxima reunião de equipa.

1. Como têm vivido o novo despertar da fé proveniente da vossa paternidade.
2. Podem avançar com alguns dados sobre a forma como se vai processando o despertar da fé nos vossos filhos?
3. “*Tu és o meu Deus*” podem dizê-lo com verdade? De que forma o praticam?
4. Como têm procedido para ajudar os vossos filhos a encontrar o Senhor e a acolhê-lo?

No final da reunião e após escutar todos os casais que conclusões tiram?

Procurem concretizar os aspectos que sejam preocupação comum.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Depois de uma oração partilhada, de preferência sobre o texto de meditação (Ponto I), criando assim um clima de acolhimento entre os dois, que vai facilitar uma verdadeira atitude de diálogo.

Devem falar com sinceridade sobre o conteúdo deste tema, pois é uma ótima ocasião para se debruçarem sobre a educação religiosa dos vossos filhos. Para o efeito podem seguir as pistas indicadas:

* Num clima de sinceridade e de simplicidade indiquem como é que a vossa presença se manifesta nos filhos:

- Resistências, desencantos, cepticismo, amargura ...?

- Alegria, esperança, sonho, vontade de viver, apreço pela vida?

* É fácil as pessoas enganarem-se neste ponto e é importante que se dêem conta disso porque têm muita influência nos filhos.

- Cada um de vós tem a percepção de que o outro tem fé nele? De que forma é que lho manifestam? O que é que poderiam pedir um ao outro, neste sentido?

Terminem este trabalho com uma festa qualquer, celebrando com os vossos filhos, se os tiverem.

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- Depois do diálogo em casal, surgiram certamente aspectos que necessitam ser melhorados. Individualmente e em casal escolham um Ponto Concreto de Esforço, analisem-no em profundidade com vista ao vosso aperfeiçoamento pessoal e conjugal.

- De que modo os pontos concretos de esforço os ajudaram a **aprofundar com verdade o conhecimento do outro**, respeitante à relação com os filhos?

- Têm aumentado a capacidade de **viver o encontro e a comunhão com os vossos filhos**? De que maneira?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____



8^A REUNIÃO

UM PROJECTO DE VIDA CONJUGAL

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Mt 19, 1-6)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

Jesus partiu da Galileia e foi para o território da Judeia, no outro lado do rio Jordão. Numerosas multidões O seguiram e Jesus ali as curou.

Alguns fariseus aproximaram-se de Jesus e perguntaram-lhe para O tentar: “É permitido ao homem divorciar-se da sua mulher por qualquer motivo?”. Jesus respondeu: “Nunca lestes que O Criador, desde o início, os faz homem e mulher? E que disse: Por isso, o homem deixará o pai e a mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne? Portanto, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar.”

II. TEMA DE ESTUDO

UM PROJECTO DE VIDA CONJUGAL

Tivemos oportunidade, ao longo de várias reuniões, de reflectir sobre múltiplos aspectos de “**um projecto de vida conjugal**”.

Questionámo-nos individualmente, em casal e em equipa. Fizemos propósitos e tomámos decisões.

A felicidade é uma realidade inacabada, porque incompleta. Constrói-se dia a dia. A insatisfação, o querer sempre mais, é positivo pois alimenta e fortalece a esperança.

O tema desta reunião funciona como síntese, como recompilação de todos os pontos tratados nos temas anteriores. É o momento de avaliação do

trabalho realizado e de projectar o futuro. A experiência vivida durante este ano tem de perdurar e reflectir-se na vida de cada casal.

A conjugalidade, o viver a dois, é, sem dúvida, uma oferta, uma possibilidade, uma maneira de viver o matrimónio. Pensamos, que é a forma, a melhor ajuda, para cada um dos membros do casal chegar à sua plenitude. Assim, torna-se realidade o que se passa com o grão de trigo, que precisa de morrer para se converter em planta, em flor e em fruto. E neste ponto é total a concordância com as ciências do homem. Não é difícil demonstrá-lo.

Trata-se, porém, de uma **oferta**. Muitos casais orientam a sua convivência por outras ópticas. De comum acordo ou porque um dos dois não abdica do seu individualismo. De facto, há muitos casados que são solteirões perfeitos. O matrimónio resolve-lhes determinadas necessidades, e não querem mais. E estão simplesmente contentes, ou nem por isso.

Porém, na vida há toda uma série de coisas que tem de ser aceites e plenamente assumidas, com todas as consequências. Se for ao contrário, vegeta-se, passam-se os dias e os anos sem mágoa nem glória, na mediocridade. São coisas com as quais temos de nos comprometer. E quanto mais nos comprometemos com elas, mais esperança e sonhos se têm, e com o crescimento da esperança cresce o compromisso. E vive-se em plenitude.

A primeira dessas coisas é o **ser**, ainda que pareça óbvio. É preciso **aceitar o ser, a vida que nos foi dada**, de uma vez por todas. E ainda que pareça redundante, é preciso viver a vida plenamente e tudo aquilo que comprometa nas várias circunstâncias, com as suas limitações e possibilidades, pondo em jogo todos os valores. E não é preciso que seja um catálogo de perfeições. Todos, cada um dentro das suas próprias medidas, podemos deitá-la a perder e podemos disfrutá-la. É uma atitude pessoal e não vale a pena escudarmo-nos em afirmações como “*não me educaram bem*”, “*a sociedade é um nojo*”, “*a vida é uma porcaria*”. Estamos apenas a defendermo-nos e a esconder as misérias. Nesta vida cada um colhe o que semeia e encontra-se com o que procura. Todos temos a nossa cruz, mas isso não é razão. **É preciso aceitar ser.**

Outra coisa que deve marcar o nosso meio é o facto de sermos cristãos. O ser cristão é optativo, é uma das muitas formas de estar, mas marca o nosso ser, abrindo-o a cotas impressionantes de liberdade, verdade, felicidade ... Há que aceitá-lo e vivê-lo a partir de dentro e com tudo o que significa.

Não se trata de qualquer coisa postíça, qualquer coisa que se acrescenta, qualquer coisa com a qual se estabelece um acordo, qualquer coisa que sirva de justificação. Ou se vive a partir de dentro ou então nunca se entenderá. Devemos comprometer-nos com o significado de ser cristão e não nos

conformarmos com umas mediatizações puramente sociológicas. Viver o espírito das bem-aventuranças, cultivar a sério a oração e o compromisso. É impossível continuar a enganarmo-nos: com a injustiça, na ostentação e luxo, na crítica e no abstencionismo ... por mais que cumpramos e digamos que rezamos. Somos ingénuos ao pretender enganarmo-nos e ao pensar que enganamos a Deus.

O *ser cristão* pode, por sua vez, viver-se em várias perspectivas. Uma delas é a *conjugalidade*, que também é optativa, mas, ao aceitá-la, comprometemo-nos com ela e vivemo-la a partir de dentro, é qualquer coisa que marca por dentro o *ser* e o *ser cristão*. *Ser cristão conjugalmente* é uma forma de viver que abre, diante do ser e do ser cristão, horizontes maravilhosos de realização e de plenitude.

E há ainda mais uma possibilidade de ser cristão conjugalmente. Talvez seja, presentemente, mais do que uma possibilidade, uma necessidade. Queremos referir-nos ao facto de **sermos cristãos conjugal e comunitariamente**. Sair do casal e encontrar em qualquer possibilidade de comunidade humana uma nova plenitude. Assim, de um ponto de vista doutrinal, não é possível ser cristão, nem conjugalmente nem de nenhuma outra forma, sem o ser comunitariamente. Mas há uma evolução histórica; e talvez seja a partir de agora, quando a sensibilidade pelo comunitário começa a despontar. E talvez a pobreza da solidão do homem moderno nos leve a redescobri-lo.

Mas gostaríamos de voltar ao “*ser cristão conjugalmente*”, aquele ponto a que nos estávamos a referir. E, em concreto, é esta aceitação radical da conjugalidade que, rompendo as barreiras do **teu eu**, e do **meu eu**, nos faz empreender um novo processo no ser e no ser cristão. Um processo comum.

1. Processo

Opõe-se à rotina. Uma vez aceite a conjugalidade, temos de a entender como um processo, como uma dinâmica para uma plenitude. Um processo comum, um crescimento comum, uma plenitude comum. Cada um **matou o seu eu, surgiu o nós e é este nós que cresce**. E ao crescer este nós, surge um novo eu em cada um, um “*eu ressuscitado*”.

A conjugalidade não se consuma no dia do casamento. Pelo contrário, nesse momento nasce e deve viver todo um processo. Não podemos deixá-la morrer às mãos da rotina. Tudo o que vimos pode ajudar a esse processo. Não podemos prever esse processo. A vida é insuspeita. Haverá crises e tempestades que o purificarão. Nenhum ser vivo cresce sem crises. Não podemos, no entanto, ficar eternamente na crise. Pelo contrário, devemos sair dela, e sempre fortalecidos.

Um dia os nossos filhos hão-de crescer e partir. Voltaremos a ficar os dois sós e o nosso processo vai continuar. Teremos vivido todas as etapas da vida, e ao longo delas um caminhar comum, de mão dada, na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza, na alegria e na dor. Teremos vivido a dois.

2. Um projecto comum

Esse processo será vivido por nós através de um projecto. Um **projecto que não pode ser nem o meu nem o teu**. Não se pode aceder ao matrimónio para viver nele “*a ideia que eu tenho do matrimónio é de que tu serás uma peça mais ...*” **O projecto deve ser dos dois**, meditado e elaborado, e querido pelos dois.

Um projecto aberto porque, como vimos antes, não se pode prever a vida. Aberto aos acontecimentos e às circunstâncias, dado que tudo vai caber nele. Aberto aos filhos, sobretudo à medida que vão crescendo, porque eles também terão uma palavra a dizer. Eles viverão o nosso lar, o qual terá de poder ser o seu lar.

Um projecto dinâmico, um crescimento permanente, revisto e actualizado à medida que se vai caminhando. Um projecto em que caberão todos os nossos dinamismos, os das nossas vidas, que não pararão de crescer e de se fazer, os dinamismos dos nossos filhos, o dinamismo da vida e da sociedade, o da Igreja. Um projecto que não vai parar, não vai envelhecer e que só poderá morrer connosco.

Finalmente, **um projecto criativo** de novas formas de viver, de amar, de trabalhar. Porque se vivemos abertos e se permitimos que o dinamismo da nossa vida se desenvolva, com frequência vamos deparar com o imprevisto e teremos de inventar e recriar as nossas vidas e o nosso amor. E o imprevisto não vai surpreender-nos, nem nos refugiaremos numa instalação cómoda e fácil. Encontrar-nos-á despertos e atentos, capazes.

Mas não é tudo. O tudo é quando o nosso **projecto se abre à vontade de Deus**, e o que procuramos é que essa vontade de Deus seja o nosso projecto. A vontade de Deus não é algo que seja abstracto, difícil de compreender. Está expressa nas Escrituras, é-nos apresentada suavemente, como que a incitar-nos ao longo da vida, em tantas experiências de Deus vividas quase diariamente, no discernimento paciente que marido e mulher realizam juntos na oração e nos acontecimentos do dia a dia.

Como Maria, “*guardamos e pensamos maduramente*” na história das nossas vidas e na dos nossos filhos. Nessa história vamos lendo a vontade de Deus, que nos acompanha e trabalha por nós; vamos amando essa vontade, a mais bela vontade.

3. Permanecer no amor

Essa pobre fidelidade tão desprezada. Reduzida a ser a atitude resignada de quem aguenta como quer que seja, o que quer que seja. Despida de dinamismo, de criatividade e da beleza. Quão fácil é enamorarmo-nos, e quão difícil é permanecer enamorados! ... **Acolher o amor, guardá-lo e saboreá-lo, fazê-lo crescer, permanecer nele.**

É preciso **descobrir a fidelidade na sua beleza**. A fidelidade no dinamismo e na criatividade, sem os quais não pode existir.

Quem me dera cantar a fidelidade;
cantar aos que, como o nosso Deus, permanecem no amor;
cantar aos que não se resignam e não aceitam aguentar;
cantar aos que crescem no amor até já não conseguirem contê-lo;
cantar aos que não vacilam ao que viram claro na juventude,
àquilo por que deram as suas vidas na juventude,
porque só nessa altura se é nobre, justo e generoso,
e só sendo fiel àquilo que se assimilou na juventude,
é possível continuar a ser jovem, nobre, justo e generoso.
cantar aos que se não deixam arrastar pelas crises e dificuldades;
cantar aos que não se cansam de amar, de morrer um pouco de si em
cada dia;
cantar aos que não querem atenuar o seu dom, nem roubar parcelas à
sua entrega;
cantar aos casais que sabem recriar o seu amor, readaptar os seus
projectos quando as coisas não resultam como pretendiam, que
sabem começar do zero as vezes que forem necessárias;
cantar aos casais que na velhice seguem de mão dada e quando os
filhos “*não são aquilo que esperávamos*” e quando fracassamos e
quando parece que todos nos voltam as costas e quando não pode-
mos mais e quando estamos esgotados de não dormir, continuamos
de mãos dadas;

e cantar ao Luís que nunca vai passear sozinho, pois leva sempre o carrito da Ana, que ficou paralítica;

e cantar o Jorge pela ternura com que acompanha Núria que ficou cega e a quem nunca deixa só;

e cantar à Teresa, que sepultou a sua vida junto de António, prostrado há muito tempo por uma longa doença.

e quero continuar a cantar a tantos outros que conheci em situações semelhantes e que faziam tudo isso sem se queixarem, pelo amor que os unia, com um sorriso;

e cantar à Cármen porque aceitou continuar a viver;

e cantar àqueles que não passam a vida a queixar-se e a lamentar-se;

e cantar àqueles que não dizem:

“Não gosto disso”;

“Estou cansado”;

“Não sirvo”;

e cantar aos que continuam a trabalhar, e continuam comprometidos, e continuam na luta, apesar de tudo;

e cantar aos meus amigos, às minhas amigas, que ao longo dos anos me deram tudo e me ajudaram a ser;

e cantar aos meus pais e aos vossos, aos meus irmãos e irmãs;

e cantar aos que continuam a viver e sorriem, não porque sejam estúpidos ou façam trejeitos, mas porque qualquer coisa de muito grandioso não deixa de crescer neles.

Cantei a fidelidade e não me esqueci de ninguém.

Recordei-vos a todos

Cantei ao sempre fiel,

A nosso Deus que torna possível que algo de tão grande e insólito seja verdade em nós.

4. Epílogo: O MELHOR É PARA TI

Para terminar, insistimos convosco de que a medida das coisas é o amor, e não o que essas coisas possam custar. Porque através do amor tudo é possível e até fácil. **E o amor torna possível a aventura da conjugalidade.** Não devem cair na tentação de nos acusarem de sermos sonhadores ou teóricos. O que conhecemos e vivemos foi contado. É a obra de Deus nos casais. As suas maravilhas.

Lembram-se da viúva pobre do Evangelho? *“Deitou fora o que tinha para viver”*. Talvez seja esta a chave. Dar tudo. Não reservar nada para nós, não querer recuperar nada. O problema é este. Dar tudo por amor: Ninguém revela mais amor do que quem dá a vida, do que quem dá tudo. Essa é a verdadeira alegria e a verdadeira felicidade: a de quem dá tudo para que o outro, os outros, sejam felizes.

Oxalá que todas as noites, ao olhar-vos, olhos nos olhos, possam dizer: **o melhor que tenho, tudo o que sou, é para ti!**

E permitam-nos terminar com esta passagem tão bela, ainda que um pouco trágica, mas que pode simbolizar tudo o que dissemos ao longo deste tema.

“Era um casal pobre. Ela fiava à porta da sua cabana a pensar no marido. Todos os que passavam paravam, encantados com a beleza do seu cabelo, negro, comprido, como fios brilhantes saídos da sua roca. Ele ia todos os dias ao mercado vender fruta. Sentava-se à espera, à sombra de uma árvore, segurando entre os dentes um cachimbo vazio. O dinheiro não chegava para comprar uma pitada de tabaco.

Aproximava-se o dia do aniversário do seu casamento e ela não parava de se interrogar sobre o que é que poderia dar de presente ao seu marido. E, além disso, com que dinheiro?

Uma ideia perpassou-lhe a mente. Sentiu um calafrio ao pensá-lo, mas ao decidir-se todo o seu corpo estremeceu de prazer: venderia os seus cabelos para lhe comprar tabaco.

E começava a imaginar o seu homem na praça, sentado na frente da sua fruta, a tirar grandes baforadas de fumo do seu cachimbo: aromas de incenso e de jasmim dariam ao dono da banca a solenidade e o prestígio de um verdadeiro comerciante.

Os seus cabelos apenas renderam umas poucas moedas, mas escolheu com cuidado o mais fino estojo de tabaco. O perfume das folhas enrugadas compensava largamente o sacrifício do seu cabelo.

À tarde chegou o marido. Vinha a cantar pelo caminho. Trazia na mão um pequeno embrulho: eram uns pentes para a mulher. Tinha acabado de os comprar, depois de vender o seu cachimbo.”

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Apresentamos, seguidamente um conjunto de questões, para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês, e posterior debate em equipa, às quais devem responder por escrito.

1. Comentem dois ou três aspectos que vos tenham impressionado mais.
2. SER – CRISTÃO – CONJUGALMENTE são três conceitos que não encontram facilmente unidade nas nossas vidas. Muitas vezes são compartimentos estanques. Que lugar ocupam na vossa vida? O que é que pode ajudar a integrá-los?
3. Podem dizer, com verdade, que o vosso projecto de matrimónio é realmente vosso, dos dois e não somente de um? Têm evoluído neste aspecto? De que maneira?
4. A fidelidade identifica-se com resignação e sofrimento. “*Permanecer no amor*” exige uma forte purificação pessoal que nem sempre é fácil. O que têm feito para caminhar neste sentido?

Relembramos: **Eleição do Casal Responsável**

Este mês sugerimos uma especial atenção à eleição do Casal Responsável (CR).

A eleição deve decorrer na reunião de Maio de forma a que a reunião de balanço já possa ser preparada com a presença dos casais responsáveis cessante e futuro.

O Casal Responsável cessante deve enviar a ficha actualizada da equipa para o Secretariado.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Comecemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I) seguido da oração partilhada, criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

- O amor conjugal pressupõe que se arrisque tudo um pelo outro, para sempre, em qualquer circunstância. Seria bom que neste diálogo dissessem um ao outro de que forma o têm feito.

- Têm a convicção de ter dado tudo, de terem dado o melhor de vós próprios, como a viúva pobre do Evangelho ou como o casal do poema final? Em que é que cada um pode melhorar?

- Recordem a vossa história de amor. Precisem os grandes momentos do vosso processo? O que fazem, no concreto, para não deixar entrar a rotina?

Hoje, mais do que nunca, devem celebrar de modo especial o diálogo que acabaram de realizar.

9.ª
REUNIÃO**BALANÇO EM CASAL E EM EQUIPA****I. TEXTO DE MEDITAÇÃO** (2 Cor 8, 7-15)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Em tudo vós sobressais: na fé, no dom da palavra, no conhecimento e entusiasmo, além do amor que tendes por nós. Pois então, procurai também distinguir-vos nessa obra de generosidade. Não digo isto para vos impor uma ordem. Se vos falo do exemplo de outros, é para vos dar ocasião de provar a sinceridade do amor que tendes.

De facto, conheceis a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo; Ele, embora fosse rico, tornou-Se pobre por vossa causa, para com a Sua pobreza vos enriquecer. A propósito, vou dar-vos uma sugestão e é o que vos convém, já que fostes os primeiros, desde o ano passado, não só a realizar, mas também a querer realizar essa obra. Agora, portanto, executai-a até ao fim, de modo que a essa boa disposição da vontade corresponda a realização, segundo os vossos meios.

Quando existe boa vontade, somos bem aceites com os recursos que temos, pouco importa o que não temos. Não queremos que o alívio para os outros seja causa de aflição para vós; mas que haja igualdade. Neste momento, o que vos sobra vai compensar a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha, um dia, compensar a vossa carência. Assim haverá igualdade como está na Escritura: «A quem recolhia muito nada lhe sobrava; e a quem recolhia pouco, nada lhe faltava ...»”

II. TEMA: BALANÇO DO ANO

Nesta reunião, o tema é o **balanço do ano em equipa**. No seguimento da proposta de exigência a que aderimos logo desde o início do ano, façamos agora uma autêntica revisão de vida. O texto que apresentamos ajuda-nos a situar esta questão, falando-nos das três fases por que deve passar o balanço.

Sobre a Revisão de Vida ... (Ver, Julgar e Agir)

VER não é meramente olhar, é predispor-se a estar atento. Ver é conhecer muito bem a situação. Para isso temos de saber olhar de vários pontos de vista, várias perspectivas, e aí a Equipa é muito importante para se ter essa visão global da situação: cada um tem uma coisa nova a acrescentar, que irá tornar mais completa a compreensão da situação.

Deste momento também faz parte perceber as circunstâncias (integrar a situação no seu contexto) e perceber os porquês, as consequências e as razões.

A grande fragilidade desta etapa reside precisamente na leitura que a Equipa faz da situação. Conhecer-la com profundidade não é fácil, mas se não for feito corre-se o risco de fazermos uma reflexão redutora, sem termos todos os dados na mesa. E esta é uma aprendizagem que se faz aos poucos, em Equipa.

JULGAR é o momento de percebermos de que forma cada um está envolvido na situação. É altura de confrontarmos as nossas atitudes com os valores do Evangelho e com a vida de Jesus.

Obviamente, o que se pretende não é fazermos acusações uns aos outros, julgarmos os outros, mas antes “*deixarmo-nos pôr em causa*”, pela Palavra do Evangelho, na confiança com os outros.

Trata-se de, olhando para nós e para a situação, perceber o que vai no sentido da verdadeira construção da Paz, da Justiça, da Liberdade. Numa palavra: o que realiza o Reino, aqui e agora. Ou, pelo contrário, o que o contraria, o que atrasa a sua vinda à História.

AGIR deve ser a consequência do que reflectimos para trás. Agimos diminuindo a nossa incerteza, com a consciência de que somos limitados e de que estamos prontos a refazer, a recomeçar, a reavaliar.

Preparemos, pois, o nosso balanço em casal, em dinâmica de **revisão de vida** e também no **espírito** sugerido pelo seguinte extracto do Complemento à Carta:

“A vida da equipa não se reduz à reunião mensal. Durante todo o mês, os membros da equipa vão rezar uns pelos outros e pelas suas intenções; a partilha e a entreeajuda vão continuar, conforme as iniciativas de cada equipa”.

A última reunião do ano é uma reunião de balanço. Ela proporciona, a todos os membros de equipa, a oportunidade de reflectir e fazer o ponto de situação, abertamente e com espírito cristão, sobre o seu itinerário, os seus progressos ao longo do ano que termina e também o de preparar o ano seguinte”.

(Guia das ENS)

Tópicos para o Balanço, que deverá ser trabalhado ao longo do mês:

1 – Quanto ao Casal (para o Dever de se Sentar)

- * Aprofundamento da Fé;
- * Pontos Concretos de Esforço:
 - Escuta da Palavra de Deus;
 - Meditação (Oração Pessoal);
 - Oração Conjugal/Familiar;
 - Dever de se Sentar;
 - Regra de Vida;
 - Retiro Anual;
- * Mudança de Atitudes:
 - Procurar a Vontade de Deus;
 - Descobrir a Verdade sobre nós próprios;
 - Viver o Encontro e a Comunhão;
- * Presença à reunião;
- * Estudo do tema;
- * Oração das Equipas (Magnificat);
- * Missa Semanal;
- * Vida em Equipa ao longo do mês;
- * Disponibilidade para a Missão nas ENS, na Igreja e no Mundo;

2 – Quanto à Equipa

- * Vida de Equipa ao longo do mês;
- * Reunião da Equipa:
 - Refeição;
 - Partilha dos Pontos Concretos de Esforço e das Atitudes;
 - Pôr em Comum;
 - Oração;
 - Tema de Estudo.

- * Responsabilidades:
 - O Casal Responsável;
 - O Casal Animador;
 - O Casal de Ligação;
 - Contributos dos outros membros da Equipa (casais e CE);

3 – Quanto ao Movimento

- * Participação nas actividades de Sector e Região;
- * Participação nas actividades do Movimento, a nível nacional;
- * Disponibilidade para assumir responsabilidades, em espírito de entreajuda e serviço;
- * Quotização;
- * Leitura da carta bimestral.

4 – Propósitos para o Futuro

- * Em casal e em família;
- * Em equipa;
- * No Movimento;
- * Na Igreja;
- * No mundo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Apresentamos, seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês e posterior debate em equipa, às quais devem responder por escrito.

1. Façamos uma reflexão aprofundada, em casal, do ano que agora termina, com base nos tópicos apresentados.
2. Devem realçar os aspectos mais positivos e os que carecem de melhoria para o próximo ano.
3. Seria bom que na reunião de equipa fizessem uma avaliação do trabalho realizado: o que é que esta experiência em equipa vos trouxe de novo? Que evolução tiveram ao longo do ano?
4. Que continuidade podem dar a uma vivência de ajuda mútua entre os casais? Como é que cada casal tem enriquecido a equipa? Façam projectos concretos para o próximo ano.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Comecemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguido de oração partilhada.

Depois de um breve silêncio, iniciem o diálogo, tendo as seguintes pistas, como referência:

- Que oportunidades aproveitámos este ano para renascer, para mudarmos de vida, para nos convertermos? E que oportunidades deixámos fugir?

- Quais as mudanças mais relevantes que eu senti em ti? E tu em mim?

Aproveitemos para fazer o balanço do nosso ano de vida a dois e em família.

Porque não fazer um dever de se sentar em casa, em que os filhos estejam também presentes?

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- As sugestões apresentadas ao longo das várias reuniões ajudaram-vos, durante o ano a dar tempo e a criar a disponibilidade interior necessária a uma verdadeira escuta do que é hoje a **Vontade de Deus para o vosso projecto de vida a dois?** Têm dado espaço aos que vos rodeiam para que Deus Se manifeste através deles? E à Equipa?

- Conseguiram ao longo do ano, descentrarem-se mais de si próprios e dar espaço ao **encontro com o outro e à comunhão com os outros?** Criaram verdadeiras oportunidades de **Encontro e Comunhão com aqueles que mais precisam de vós?** De que formas concretas?

ESCOLHA DO TEMA DO PRÓXIMO ANO

Este mês sugerimos uma especial atenção à escolha do tema do próximo ano. Em cada ano, o Movimento propõe um tema de estudo, mas a decisão de o adoptar cabe à equipa. Em alternativa, a equipa pode escolher um dos temas de anos anteriores existentes no Secretariado ou outro que reúna o consenso dos casais.